



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

CARLA VASCONCELOS ALVES

O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS EM PESQUISA

FORTALEZA

2021

CARLA VASCONCELOS ALVES

**O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS EM PESQUISA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A478p Alves, Carla Vasconcelos.
O papel da biblioteca escolar no desenvolvimento de competências em pesquisa / Carla Vasconcelos
Alves. – 2021.
80 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.
1. Biblioteca escolar. 2. Pesquisa escolar. 3. Competência em informação. I. Título.

CDD 020

CARLA VASCONCELOS ALVES

**O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS EM PESQUISA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Vera Nunes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Gabriela Belmont de Farias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, Maria do Carmo Vasconcelos Alves, por todo suporte, dedicação, paciência e por sempre me auxiliar e acreditar em mim.

Ao meu orientador Dr. Jefferson Veras Nunes, pela paciência, gentileza e direcionamentos para a realização deste trabalho.

Aos colegas e amigos que fiz ao longo da graduação, em especial ao Emanuel Roseira Guedes por todo apoio, amizade, risadas e pelos retoques finais no trabalho; e à Sarah Edsa Rodrigues Martins, pelo companheirismo.

À banca examinadora, pela disponibilidade e pelo tempo dedicado à leitura deste trabalho.

Agradeço também à Universidade Federal do Ceará, ao Curso de Biblioteconomia e ao Departamento de Ciências da Informação, pelo ensino de excelência. Torço para que a universidade pública resista às tentativas de sucateamento por parte de um estado negligente.

Agradeço, enfim, a todos, que direta ou indiretamente, fizeram parte da elaboração deste trabalho.

“Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las.”

Paulo Freire

RESUMO

A educação básica deve desenvolver cidadãos capazes de participar da vida em sociedade e de estudos e trabalhos futuros, nesses aspectos, uma biblioteca escolar, que se envolve ativamente nas atividades e objetivos da escola onde está inserida e se empenha em elaborar e disponibilizar produtos e serviços para os usuários, se torna um dos responsáveis, assim como os professores, no desenvolvimento de competências nos estudantes. A pesquisa partiu do objetivo geral de compreender o papel da biblioteca escolar na construção de competências para a pesquisa em alunos do ensino médio por meio dos objetivos específicos de: 1) discutir a relevância da biblioteca escolar no desenvolvimento de competências voltadas à pesquisa científica na educação básica; 2) identificar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em relação à produção de trabalhos escolares; e, 3) analisar a percepção dos estudantes no que tange à atuação dos bibliotecários no ambiente escolar. Para alcançar estes objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa exploratória, o estudo é de caráter qualitativo e, para coleta e análise de dados, foi utilizado questionário autoaplicado e análise de conteúdo. O questionário foi enviado para alunos de ensino médio que estudam em Fortaleza. Como resultado, obtiveram-se informações a cerca da relação dos estudantes com a biblioteca escolar que ressaltam a importância de uma biblioteca escolar ativa, dinâmica e participante da estrutura escolar.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Competência informacional. Pesquisa Escolar.

ABSTRACT

The basic education must develop citizens able to participate in life in society and for future studies and works, in these aspects, a school library, which is actively involved in activities and school goals where it operates and strives to develop and provide products and services for its users, it becomes one of those responsible, as well as teachers, in the development of competencies in students. The research main objective is to understand the role of the school library in the construction of competencies for research in high school students through the specific objectives: 1) discuss the introduction of the school library in the development of competencies; 2) identify the difficulties faced by students when producing school works; and, 3) evaluate the students' perception about the role of librarians inside the school environment. To achieve these objectives, bibliographic and exploratory research were carried out. The study is a qualitative approach and, for data collection and analysis, the self-applied questionnaire and content analysis were used. The questionnaire was sent to high school students from Fortaleza. As a result, we obtained information about the relationship between the students and the school library that emphasizes the importance of an active, dynamic and participating school library in the school system.

Keywords: School Library. Information Literacy. School Research.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE	Biblioteca Escolar
BNCC	BNCC Base Nacional Comum Curricular
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	BIBLIOTECA ESCOLAR.....	13
2.1	Biblioteca escolar no Brasil.....	14
2.2	O papel da biblioteca na escola.....	21
2.3	Bibliotecário na escola.....	29
2.4	Biblioteca e educação.....	32
3	PESQUISA NA ESCOLA.....	39
3.1	Competência em informação.....	40
3.2	Competência em pesquisa.....	43
3.3	Pesquisa e educação.....	44
4	METODOLOGIA.....	49
4.1	Instrumento de coleta de dados.....	49
5	COLETA E ANÁLISE DE DADOS	51
5.1	Análise de dados.....	51
5.2	Uso das bibliotecas no ensino médio.....	53
5.3	Leitura para os alunos do ensino médio.....	59
5.4	A prática de pesquisa no ensino médio.....	62
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS.....	72
	APÊNDICE A– QUESTIONÁRIO.....	79

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca, desde seus primórdios, teve grande importância para a preservação dos registros do conhecimento. Com as modificações ocorridas na sociedade e com todos os avanços tecnológicos que o mundo tem vivenciado, as bibliotecas que mantiverem a condição de “armazém de livros”, não conseguirão sobreviver, o que não quer dizer que a preservação de exemplares físicos não seja mais de grande importância, mas, sim, que a biblioteca necessita se adaptar às novas necessidades e superar os obstáculos que as mudanças trazem para seu modelo clássico de funcionamento.

Sendo assim, uma biblioteca não cumpre plenamente o seu papel como disponibilizadora e divulgadora de informações, culturas e saberes, quando ela “se esconde” em um canto de um bairro ou de uma instituição, quando não busca mostrar seu compromisso com a comunidade, se expondo, se abrindo, sendo uma parte do lugar onde está inserida. Esses pontos são causa e, ao mesmo tempo, sintoma de um espaço desvalorizado socialmente. Mas a biblioteca não é inferior, essa mudança de estrutura ocorre em diversos espaços, o mundo vem mudando rapidamente e cabe a todas as áreas se adaptarem.

As bibliotecas escolares, apesar de estarem inseridas em locais cuja função é educar e preparar pessoas, é uma categoria de biblioteca desvalorizada e uma das primeiras a serem impactadas quando o sistema educacional, na totalidade, é esquecido pelos responsáveis por mantê-lo em funcionamento. Essas bibliotecas têm como base trabalhar em conjunto com as outras partes da estrutura escolar para propiciar um desenvolvimento intelectual e cultural nos estudantes, disponibilizando fontes de qualidade, materiais para informação e lazer, e atividades de incentivo à leitura e à pesquisa. Porém, a realidade é que muitas escolas ignoram esta importante função da biblioteca, deixando-as de canto, direcionando pouquíssimos recursos, contratando profissionais de outras áreas para guiá-las, ou até mesmo, não possuindo uma. Relegar uma biblioteca escolar a um depósito de livros é privar a instituição de todos os benefícios que ela pode trazer, como o desenvolvimento de competências de pesquisa nos estudantes.

Em um período de grande volume de informações em diversos suportes, fica mais latente a quantidade de fontes não confiáveis, *fake news*, informações sem respaldo científico, entre outras formas de desinformação. Não é pessimismo dizer que a quantidade de fontes e a

facilidade de acesso tiveram o efeito oposto ao que seria ideal, e até esperado, pois gerou um “lixo” informacional (mentiras, golpes e desinformação), que prejudica a sociedade; o que não quer dizer que informação em excesso seja ruim, mas que a informação deve ser consumida com consciência e observando sua qualidade.

Até mesmo adultos que tiveram acesso à educação, à tecnologia e à informação, muitas vezes se deparam em situações de serem enganados por informações falsas ou de baixa qualidade. É comum até mesmo não saberem que existem fontes de baixa qualidade, sendo assim, qualquer texto compartilhado em redes sociais já é visto como verdade. Dessa forma, podemos entender, que crianças e adolescentes se tornam especialmente vulneráveis a este mundo informacional que traz muitos conhecimentos, mas também altas doses de erros, falsidades e ambiguidades.

A internet se tornou a principal fonte de informação utilizada pelos adolescentes - público tratado nesta pesquisa - para notícias, divulgações e pesquisa; o que propiciou maior acesso às diversas fontes em menos tempo, mas que propiciou o uso de plágio em trabalhos escolares. Isso por poucos cliques serem necessários para copiar e colar um trecho ou, até mesmo, um texto inteiro e, quando não se há preparo para pesquisa, isso se torna ainda mais comum, pois muitos não entendem a gravidade de tal ato ou até mesmo não têm conhecimento de que se trata de algo errado.

Pensando nas dificuldades e erros enfrentados por estudantes do ensino médio, nas consequências de levar isso para uma futura vida universitária, ou mesmo para a vida no trabalho, e na importância da biblioteca escolar em auxiliá-los, o presente trabalho irá focar no papel da biblioteca escolar no desenvolvimento de competências em pesquisa em estudantes do ensino médio de Fortaleza. A monografia parte da hipótese de que uma biblioteca escolar ativa e trabalhando em conjunto com os professores pode fortalecer as competências em pesquisa dos estudantes, preparando-os para a vida fora da escola.

Essas dificuldades ficam ainda mais claras quando entramos no ensino superior, pois, nessa fase educacional, a pesquisa é uma constante, é parte da formação acadêmica. Quando estava no ensino médio, por mais que eu passasse muito tempo na biblioteca de onde estudava, nunca vi atividades ou projetos no sentido de auxílio na pesquisa escolar e tampouco os professores incentivavam buscar a biblioteca nesse sentido. Quando entrei na universidade, senti muita dificuldade e insegurança na elaboração de trabalhos acadêmicos,

pois não possuía nenhuma base, e notei ser um problema que também atingia muitos colegas de turma. Desse modo, o interesse neste tema nasceu desses problemas enfrentados na pesquisa no ensino superior e em pensar que uma parceria forte entre biblioteca e professores durante o ensino básico poderia ter facilitado para que eu e vários outros estudantes nos tornássemos pessoas preparadas para a pesquisa na universidade e na vida.

O trabalho tem como objetivo geral: analisar a percepção dos alunos do ensino médio em relação ao papel da biblioteca escolar no desenvolvimento das competências em pesquisa; e como objetivos específicos: 1) discutir a relevância da biblioteca escolar no desenvolvimento de competências voltadas à pesquisa científica na educação básica; 2) identificar as dificuldades dos alunos do ensino médio em visualizar a biblioteca escolar como ferramenta para desenvolver trabalhos escolares; e, 3) analisar a percepção dos estudantes em relação à atuação da biblioteca escolar.

Desse modo, a pesquisa foi estruturada em 5 capítulos. O primeiro capítulo trata sobre a biblioteca escolar, passando por sua história, leis, funções, da importância de ter um profissional formado em biblioteconomia e da parceria necessária entre professores e bibliotecários.

A segunda parte aborda a pesquisa na escola e sua relação com a biblioteca escolar, com a formação de competências informacionais e em pesquisa. Sendo assim, este capítulo foi dividido em três subseções, onde, na primeira, traz-se o conceito de competência e discute sobre a competência informacional. Na segunda, é abordada a competência em pesquisa. Já na última, discorre-se sobre a relação entre pesquisa e educação.

Após os capítulos dedicados ao referencial teórico, foi apresentada a metodologia do trabalho e o instrumento de coleta de dados; a pesquisa é de caráter exploratório e contou com a realização de uma pesquisa bibliográfica, o estudo é de abordagem qualitativa e para a coleta e análise de dados, foi utilizado o questionário autoaplicado e a análise de conteúdo. A parte 4 da pesquisa consiste na análise dos dados coletados por meio dos questionários respondidos por estudantes de ensino médio que estudam na cidade de Fortaleza. Nas considerações finais, foi exposto de forma condensada o que foi tratado ao longo do trabalho, recordando o que foi proposto nos objetivos geral e específicos e como foram abordados.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR

Como espaço de informação organizada em diversos suportes, a biblioteca tem a responsabilidade de disponibilizar informação e serviços próprios para o seu público, independente de qual o seja. Desse modo, há bibliotecas dedicadas aos mais diversos espaços e pessoas. Bibliotecas públicas, escolares, universitárias, especializadas, etc., todas elas devem trabalhar de modo em que se adequem e auxiliem os seus usuários em suas diversas necessidades.

No caso da Biblioteca Escolar, que pode estar inserida em escolas de ensino infantil, fundamental, médio ou em outra instituição que comporte todas essas fases de ensino em sua estrutura; a biblioteca busca realizar ações e obter materiais que sejam úteis para acolher e responder às necessidades diversas desse público.

Em escolas que dispõem de várias fases de ensino, as bibliotecas escolares devem ter materiais e serviços que atendam essa gama de idades e necessidades, ou seja, desde o lazer próprio para pessoas em diversas faixas etárias, como para atender as necessidades ao que se tratam os conteúdos escolares. Segundo Campos e Bezerra (1989), para uma Biblioteca Escolar (BE) funcionar, deve ter um espaço confortável e um acervo adequado às necessidades dos usuários, que sejam organizados de forma que facilite o uso e funcionem ativamente na vida escolar, sempre buscando ser atrativa e acessível.

Assim, como é observado na segunda edição das Diretrizes da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) para a Biblioteca Escolar, pode-se dizer que a biblioteca escolar é um espaço físico e digital da escola que possui muita importância para a formação dos alunos, tanto na vida educacional, como na pessoal, por propiciar a pesquisa, o lazer, a aprendizagem e a criatividade. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2015)

É perceptível que as bibliotecas devem contar com o interesse e com os investimentos da escola onde está inserida e do governo. Isso porque as bibliotecas escolares devem ter em seu espaço diversos materiais que atendam várias necessidades diferentes, como livros e audiovisuais voltados para o lazer, cidadania, conteúdos escolares ou outras demandas de seu público. No entanto, essas condições não existem na maior parte das bibliotecas do país, pois, comumente, elas são esquecidas, transformadas em depósitos de livros e de

materiais diversos da escola, que não possuem outro local para a guarda, como projetores, caixas de som e outros equipamentos, como é reforçado por Nery (1989) quando diz que muitas bibliotecas viram depósitos de entulhos da escola, que lá são colocados tudo aquilo que não se sabe onde colocar, até mesmo objetos que não tem mais uso, livros e revistas velhas, entre outras coisas. Além disso, é comum serem utilizadas como “[...]um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados” (AMATO; GARCIA, N. A. R., 1989, p. 13), o que, obviamente, afasta e desestimula os alunos a utilizá-las.

Essa deficiência encontrada nas BE acaba gerando um ciclo de desinteresse, ou seja, escolas e governantes não dão recursos para a biblioteca se manter adequadamente, fazendo com que seu mobiliário seja sempre desgastado, que seus materiais sejam desatualizados e insuficientes, o que torna esse espaço, com grande potencial educativo, em um local desinteressante, um local de castigo e tédio. Desse modo, seu potencial não pode ser percebido pelas instituições que poderiam contribuir para mudar tal cenário, gerando falta de interesse, também, nos potenciais usuários.

Estamos vivendo em um período de grandes avanços tecnológicos e informacionais e não podemos aceitar que, neste contexto, as bibliotecas continuem sendo vistas como depósitos de livros sem importância que ficam em locais escondidos da escola. (GARCIA, E. G., 1989) Isso é desperdiçar o potencial que as BE têm de ser um local para troca de ideias e liberdade de expressão para os alunos e também para os professores e outros funcionários da escola. (CAMPELLO, 2012)

2.1 Biblioteca escolar no Brasil

Se entendermos bibliotecas como locais de armazenamento e preservação de informações registradas para quem busca conhecimento, observaremos que elas existem antes mesmo do que se encontra registrado, sendo assim, impossível detectar qual a primeira biblioteca criada na história da humanidade. (FRAGOSO; DUARTE, 2004) De acordo com essa definição, Fragoso e Duarte (2004, p. 167) afirmam ainda que “[...] nossas primeiras bibliotecas seriam as cavernas, com sua arte pictográfica gravada na pedra, plena de recursos legíveis”.

Devido à necessidade de transmitir suas experiências, conhecimentos e informações que estão ao seu redor, o ser humano buscou formas de se comunicar e, posteriormente, de registrar esses aspectos de sua vida, para passar para outros ou objetivando guardar para si. (FRAGOSO; DUARTE, 2004) Além de buscarem desenvolver formas de comunicação oral e escrita, houve tentativas para encontrar um suporte adequado para registro de informações. Desenvolveram então, o papiro, feito com fibras de *Cyperus papyrus* e o pergaminho, até que o papel, que já estava presente na China desde o século II, passou a ser o mais utilizado como suporte da escrita. (MILANESI, 2002)

Quanto mais eram produzidos registros do conhecimento, maior era a necessidade de bibliotecas, pois era importante não apenas possuir muitos materiais, como, também, organizá-los e torná-los encontráveis, já que, segundo Milanesi (2002, p. 21), “O homem registra para reter, e o registrado não encontrável, na prática, é igual ao inexistente.” E, ainda de acordo com Milanesi (2002, p. 21), “Aí está a ideia mais primitiva da biblioteca: o resultado do desejo e da necessidade quase instintiva de poder utilizar várias vezes uma informação que pudesse ser significativa.”

As bibliotecas, que eram associadas à riqueza e ao prestígio, eram, predominantemente, pertencentes às ordens religiosas, porém, devido à clara importância da educação para a melhoria da sociedade, foram criadas universidades, como a Oxford e Sorbonne, o que iniciou, minimamente, a expansão de livros, que eram tão mais restritos aos religiosos. Tal expansão deixa transparente a necessidade de bibliotecas vinculadas às instituições educacionais. (MILANESI, 2002)

A produção intelectual e literária se tornou incontrolável e impossibilitou que as bibliotecas pudessem abarcar todas as obras criadas e acompanhar o ritmo dessa produção, fazendo com que elas tivessem que se especializar, ou seja, focar em áreas do conhecimento, faixa etária ou outros dados que possam determinar as necessidades de seu público, adaptando, assim, o acervo, a organização e até mesmo o profissional. (MILANESI, 2002)

No Brasil, há poucas informações, documentos e pesquisas sobre a existência de livros e bibliotecas, especialmente da primeira metade do século XVI. Porém, de acordo com o contexto, afirma-se que não havia grande demanda de livros nesse período, com exceção de livros voltados para o uso religioso e para o magistrado. (MORAES, 1979)

Passamos a ter maior conhecimento da utilização de livros a partir de 1549, quando se instala o Governo-Geral em Salvador, na Bahia. Esse acontecimento marca o início da vida cultural e educacional no país e, também, a chegada de jesuítas no Brasil, estes que vieram liderados por Manuel da Nóbrega e que contribuíram para a introdução dos livros no país. (MORAES, 1979)

A chegada dos jesuítas ao Brasil foi importante para a inserção de livros e bibliotecas no país, justamente, por conta de que “Os primeiros livros que se têm notícia vieram na bagagem dos primeiros missionários jesuítas” (RODRIGUES, 2011, p. 280) e, durante a permanência destes em terras brasileiras, eram eles os maiores consumidores de livros.

As instituições religiosas foram as primeiras a constituírem bibliotecas, para apoiá-los não apenas nas atividades relacionadas à igreja, como nas educacionais. Santos (2010, p. 53) aponta que “[...] as bibliotecas dos Conventos foram centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros” daquele período. Dentre essas instituições, as bibliotecas que mais se destacavam eram as pertencentes à Companhia de Jesus (RODRIGUES, 2011), como ressalta Moraes (1979, p. 3) “[...] as bibliotecas dos jesuítas eram melhores, certamente mais numerosas.”

Os jesuítas tinham grande necessidade de livros para servirem de apoio nas suas atividades religiosas, missionárias e pessoais, como também para auxiliá-los em seus afazeres em seminários e em colégios que administravam. Assim, os missionários deveriam ter acesso aos livros necessários para o desempenhar de suas atividades, por conseguinte, os colégios também deveriam estar munidos dos livros fundamentais para o letramento e para o ensino de matérias e de cursos mais complexos. As escolas com poucos livros eram vistas como mais precárias, enquanto as que possuíam uma coleção significativa eram mais prestigiadas e recebiam maior apoio na criação de novos cursos.(RODRIGUES, 2011; MORAES, 1979)

As bibliotecas conventuais e escolares eram as que mais continham volumes em seu espaço. Rodrigues (2011, p. 284) observa, que “A biblioteca do Colégio da Bahia foi, no seu tempo, a mais importante do Brasil.” Foi criada em 1549 e mantida pela Companhia de Jesus, inclusive, seus primeiros exemplares vieram justamente pelo Manuel da Nóbrega. Seu acervo crescia constantemente e mesmo após a invasão holandesa em Salvador, em 1624, não

foi abandonada, mas sim reconstruída e colocada em um salão grandioso e ricamente ornamentado. (RODRIGUES, 2011)

É importante mencionar que, apesar de não existirem até então bibliotecas propriamente públicas, “As bibliotecas dos jesuítas não ficavam abertas só para os alunos e padres, mas para qualquer pessoa que fizesse o pedido competente” (MORAES, 1979, p. 5), ou seja, não eram abertas a todos, mas também não eram totalmente restritas.

Durante o reinado de D. José I em Portugal, por conta da influência de Marquês de Pombal, as ideias e atitudes dos jesuítas foram rechaçadas e eles foram considerados rebeldes e traidores, fazendo com que eles fossem expulsos de Portugal e de suas colônias. Os bens da Companhia foram confiscados, suas bibliotecas destruídas e os livros tiveram destinos diversos. Grande parte dos livros foram leiloados ou vendidos como papel velho para embrulhar produtos de comerciantes. (RODRIGUES, 2011) Alguns volumes foram destinados a acervos de outras instituições ou enviados para Lisboa e os que não foram vendidos ou roubados foram deixados em locais impróprios, onde a má acomodação, a umidade e os insetos deram conta de destruí-los. (MORAES, 1979)

Somente a partir do século XVIII começou-se a ter uma vida cultural e intelectual mais expressiva no Brasil e é nesse contexto que a leitura e o consumo de livros se instalou com mais força sendo criadas bibliotecas, livrarias e salas de leitura. (SANTOS, 2010)

A vinda da Corte Portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, além de gerar mudanças sociais, econômicas e culturais, foi de grande impacto para a história das bibliotecas do país, pois a transferência da Corte para o Brasil proporcionou a vinda da Real Biblioteca que contava com “[...]um acervo de 60 mil peças, entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas para o Brasil, representou para o país, o início de sua futura Biblioteca Nacional.” (SANTOS, 2010, p. 54) Essa biblioteca “[...]era a segunda que formava a Casa Real. A primeira foi destruída no terremoto de Lisboa em 1755. D. José organizou outra, chamada La Ajuda, valendo-se de compras e doações.” (MORAES, 1979, p. 82)

A Biblioteca Real foi inaugurada nas instalações do Hospital da Ordem Terceira do Carmo. Nesse ponto da história, ainda não era uma biblioteca completamente aberta ao público, sendo necessária autorização prévia para poder consultar seu acervo. Logo foram

nomeados dois funcionários para atuarem como bibliotecários na instituição: Frei Gregório José Viegas e Frei Joaquim Dâmaso. (SANTOS, 2010)

Após a independência do Brasil, a Biblioteca Real passou a se chamar Biblioteca Nacional. Ainda em decorrência da independência, “[...] nosso governo pagou a Portugal a quantia de dois milhões de libras esterlinas pelos bens portugueses deixados aqui. Entre esses bens estava mencionada a biblioteca.” (MORAES, 1979, p. 84)

A Biblioteca Nacional passou a ter um prédio definitivo apenas no ano de 1910, mudando-se então para a Avenida Rio Branco, onde está até hoje. Seu acervo continuou crescendo desde então, através de aquisições, de doações e por conta do depósito legal. (SANTOS, 2010)

Apenas em agosto de 1811 foi inaugurada a primeira biblioteca pública no país, pois as bibliotecas dos conventos não eram públicas e a Biblioteca Real do Rio de Janeiro só foi transferida de Lisboa para o Brasil, deste modo, a primeira a ser considerada pública, foi a Biblioteca Pública da Bahia. A vida intelectual no país estava crescendo e uma biblioteca aberta ao público tornou-se cada vez mais desejada, assim, por iniciativa do senhor de engenho, Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco, e com cooperação de outros membros da sociedade, fundou-se essa biblioteca em Salvador no antigo Colégio dos Jesuítas. (MORAES, 1979)

Com a expulsão dos Jesuítas, novas escolas surgiram voltadas para a educação formal da população, porém, continuavam sendo fortemente religiosas. Nesse contexto, novas bibliotecas escolares também foram construídas tendo um foco maior nos estudantes. As bibliotecas de escolas particulares receberam atenção especial, pois eram onde estudavam os filhos dos que compunham a elite brasileira. (SILVA, 2011)

Apesar das tentativas de expandir as bibliotecas escolares às escolas menos privilegiadas, incluindo também as escolas públicas, continuaram concentradas em escolas mais ricas. Silva (2011, p. 495) explicita que as bibliotecas escolares ainda assim não eram tão valorizadas e desperdiçavam, dessa forma, seu “[...] potencial educativo e informacional [...] predominando nela, ainda hoje, a composição de um espaço qualquer com livros de qualquer natureza, dentro da escola.”

Foi somente a partir do século XX, que o papel educativo e transformador das bibliotecas tornou-se algo mais concreto nas instituições de ensino. As diversas reformas

educacionais, como a realizada por Anísio Teixeira (1931 - 1935) e as novas políticas nacionais de educação, foram importantes para a forma como as bibliotecas eram encaradas dentro da realidade educacional. (SILVA 2011)

Um marco na história da educação no Brasil se deu com a criação da primeira lei relacionada às diretrizes e bases da educação nacional, na Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que “Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional” e que em seu primeiro artigo decreta que a educação nacional tem por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;**
- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça. (BRASIL, 1961, grifo nosso)

Essa lei foi reformulada durante a Ditadura Militar brasileira, dando origem à Lei 5.692/1971, que se alinhava melhor com os princípios ideológicos desse regime. Esta lei, que fixa as diretrizes e bases para o ensino do 1º e 2º graus, visava principalmente a profissionalização dos jovens (BRASIL, 1971), ao passo que rejeitava uma formação mais intelectual, que era algo visto como transgressor e passível de punição no período. Assim, fica claro que o fomento à leitura e à criação e expansão de bibliotecas escolares estavam longe de ser prioridades.

Com a criação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, a Lei n. 9.394, que “Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (BRASIL, 1996) e com os PCN que são os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), além dos avanços na educação num todo, as bibliotecas escolares brasileiras voltaram a ser mencionadas, explícita ou implicitamente, com alguma importância.

Especialmente os PCN, elaborados para direcionar os educadores às melhores práticas a serem realizadas em prol do desenvolvimento dos educandos, as bibliotecas e a leitura na escola são colocadas como ferramentas essenciais para o desenvolvimento de “[...]”

cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam[...]” (BRASIL, 1997, p. 41) e menciona que “As bibliotecas — escolar e de classe — são, nessa perspectiva, fundamentais para um trabalho como o proposto por este documento.” (BRASIL, 1997, p. 61) Nos PCN a biblioteca também é apontada como “[...] lugar de aprendizagem permanente, um centro de documentação onde se encontrem informações que irão responder aos questionamentos levantados dentro das diversas áreas curriculares”. (CAMPELLO, 2002, p. 18)

Entende-se que, para formar leitores competentes, são necessárias condições adequadas, ou seja, variedade de materiais, empréstimo de livros, atividades que estimulem a leitura e compreensão, e uma boa biblioteca. Sendo assim, a biblioteca escolar é colocada como um recurso pedagógico. (BRASIL, 1997) Cabe às escolas e sistemas educacionais, dar condições para a biblioteca desempenhar essas funções. (CAMPELLO, 2002, p. 19)

Também em 1997, foi desenvolvido o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que busca distribuir livros para escolas públicas em todo o país. Esse programa, apesar de ter valor na construção de acervos, não propõe uma política para bibliotecas escolares, fazendo com que os livros distribuídos sumam por “[...] falta de local apropriado (biblioteca), pela falta de tratamento adequado (carência do profissional bibliotecário) e pela falta de dinamização de leituras, reflexo da pouca parceria ou da pouca aproximação entre bibliotecários e professores.” (GARCEZ, 2007, p. 28)

Um marco para as bibliotecas escolares em nível internacional ocorreu com a elaboração do Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar, desenvolvido pela IFLA e aprovado pela UNESCO na Conferência Geral de novembro de 1999. Esse documento cita, por diversas vezes, a importância da biblioteca escolar para o desenvolvimento dos estudantes para a aprendizagem a curto e a longo prazo e torná-los mais capacitados para a vida; define o bibliotecário como o profissional adequado para gerir esse local e objetivos para que as BE, atinjam seus potenciais e auxiliem as escolas onde estão inseridas em seus processos educacionais. Completa ainda por convocar os governos, junto a seus ministérios responsáveis, para aplicar o que foi mencionado no manifesto. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2000)

Apenas em 24 de maio de 2010, foi aprovada uma lei que visa a universalização das bibliotecas escolares no Brasil, a Lei 12.244, após esforços de órgãos, profissionais e

estudantes de Biblioteconomia. (SILVA, 2011) Assim, essa lei determina que as instituições de ensino do país deverão contar com bibliotecas, prescreve que, em seus acervos, haja pelo menos um livro para cada aluno matriculado na escola e dá um prazo de 10 anos para o cumprimento do que foi estabelecido. (BRASIL, 2010)

No entanto, no texto da Lei 12.244/10, não se discute estratégias para implementá-las, nem dá maiores detalhes do que deve ser realizado. Especifica apenas sobre o acervo e ainda somente na sua questão quantitativa, não deixando claro os tipos de livros, sua organização, preservação ou outros aspectos relacionados à sua estruturação, ou acesso. Deixa praticamente tudo em aberto para ser resolvido e concretizado pelos sistemas de ensino. É criticado por Silva (2011), a falta de artigos que delimite do poder público e de instituições privadas os investimentos a serem empregados nas bibliotecas e punições em caso de descumprimento.

Nota-se, então, que os avanços na área de biblioteca escolar são lentos e que esses locais e seus profissionais ainda não têm a valorização devida. Atualmente, 10 anos depois da aprovação da Lei 12.244/10, ainda há muito a ser realizado para que as escolas brasileiras tenham acesso a esse local tão importante para a educação e para o crescimento pessoal dos estudantes.

2.2 O papel da biblioteca na escola

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação básica compreende a pré-escola ou educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio; sendo este o último nível e o que deve ter duração mínima de 3 anos para que, desse modo, cumpra as suas funções para a vida educacional e futuramente com a profissional do aluno (BRASIL, 1996). Esta etapa, que será o foco do presente trabalho, busca aperfeiçoar competências e habilidades com a finalidade de preparar os alunos para as próximas etapas educacionais após a educação básica e para a construção de uma carreira, ou seja, procura encaminhar os jovens para um futuro satisfatório.

Os alunos nessa fase passam por muitas mudanças no seu modo de pensar e viver em sociedade, eles são apresentados às novas responsabilidades da vida pessoal, da educacional e em alguns casos, da profissional. Há a preocupação por parte deles com suas

mudanças externas e internas, com os seus relacionamentos interpessoais, com o vestibular e com os seus futuros, de modo geral. É um período muito complexo para estes jovens, para suas famílias e também para as instituições de ensino onde eles estão inseridos. (NASCIMENTO; GASQUE, 2017) As escolas não podem descuidar-se de tal etapa, composta por tantas pressões e novidades, devendo sempre inovar e acompanhar os estudantes em sua caminhada.

Desse modo, a biblioteca escolar tem a sua importância para a educação e para o desenvolvimento do futuro desses jovens e para o funcionamento da escola num todo, por ela ter o potencial de agir tanto como um espaço de diversos tipos de leitura e lazer, quanto como um espaço de aprendizado e pesquisa, segundo às necessidades observadas por seus profissionais. (CAMPELLO, 2012) Isto porque é missão da BE disponibilizar “[...] serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2000, p. 1)

Além da missão da biblioteca escolar, o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar também enumera objetivos que as BE devem buscar cumprir para seu funcionamento adequado:

- apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;
- organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
- trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;

- promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2000, p. 2)

Quando pensamos na sociedade em que estamos inseridos, esta que passa por tantas transformações tão rapidamente, onde a informação e o seu uso se tornam cada vez mais importantes para que tudo possa operar, entendemos ainda mais a importância das bibliotecas, independente da instituição onde ela está inserida, por ela auxiliar no acesso às informações e na construção da aprendizagem. No caso da BE, devemos constantemente buscar pôr em prática sua missão e seus objetivos, para que seus usuários possam se incluir nesse momento de grande valor à informação e ao conhecimento.

A criação da imprensa, em meados do século XV, já impactou vários setores da sociedade por conta da grande expansão informacional, mas, agora, no século XXI, estamos lidando com uma quantidade exorbitantemente maior. A velocidade da produção e acesso à informação crescem constantemente devido ao grande compartilhamento das mesmas, propiciado pelas novas tecnologias, sendo amplamente utilizadas nos dias atuais. (GASQUE; TESCAROLO, 2004)

Tais transformações informacionais, tecnológicas, educacionais e sociais impactam o modo de agir das escolas, já que são locais de aprendizagem e fornecimento de informações e, logicamente, o modo de trabalho e os serviços oferecidos das bibliotecas escolares também. Isto porque as bibliotecas num todo são importantes para a organização das informações e auxiliam a transformá-las em conhecimento, principalmente em um contexto, como citado por Pozo (2004), um tanto quanto contraditório, pois, ao passo que devido ao grande número de informações disponíveis as pessoas estão buscando aprender cada vez mais para se encaixar na sociedade da aprendizagem, torna-se mais perceptível o fracasso em aprender de verdade, ou seja, em evoluir o que é adquirido, em termos de informação, para um conhecimento.

Sendo assim, considera-se que, para uma pessoa participar da sociedade em que está inserida e exercer ativamente sua cidadania, a leitura e a escrita devem estar presentes em sua vida, pois, assim, ela poderá buscar informações e tentar utilizá-las de alguma forma em sua realidade. (BRASIL, 2006)

Porém, de acordo com a 5.^a edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019/2020), que é uma pesquisa realizada em âmbito nacional onde se investigam os hábitos de leitura da população, para, a partir dos dados obtidos, conseguir que a sociedade, em sua totalidade, reflita e busque melhorar tais hábitos; apenas 52% das pessoas, dentre os 8.076 entrevistados, consideram-se leitoras, ou seja, um pouco mais da metade dos entrevistados leu algum livro nos últimos 3 meses. Isto foi um retrocesso em relação à última edição da pesquisa, realizada em 2015, quando 56% se diziam leitores. A média de livros lidos por ano das pessoas, também é baixa, sendo apenas de 2,5 livros lidos integralmente e 2,4 lidos em partes. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020)

Outro dado que é imprescindível observar, é o que analisa a frequência das pessoas em bibliotecas, que diz que 68% dos entrevistados não as frequentam, um aumento em relação à edição anterior da pesquisa, quando eram 66%. Entre os estudantes, 37% não frequentam bibliotecas, enquanto, entre os leitores, o número permanece bastante alto, sendo 52% os que não utilizam esse espaço e apenas 7% vão sempre. Porém, é interessante observar, que apesar de todos os percalços, as bibliotecas mais utilizadas são as escolares e universitárias (53%). (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020)

O baixo interesse por leituras e em frequentar bibliotecas é algo muito significativo e deve ser visto como um sinal de alerta para a situação do nosso sistema educacional. A falta de um acervo atualizado e que atenda aos diferentes gostos, idades e propósitos, o fato de algumas bibliotecas não contarem com um profissional bibliotecário e de não haver um incentivo a leitura adequado, não apenas para fins educacionais, mas também para entretenimento, são alguns dos fatores que fazem com que esse quadro persista. (BOTO; BRAZ, 2017)

Na adolescência, muitos hábitos e rotinas já estão consolidados e, por isso, é mais desafiador inserir novos. Então, para construir um hábito de leitura em alguém, o ideal é começar na infância com a mediação de adultos, como é citado por Rangel (2012), que afirma que os familiares são vistos como modelos para as crianças e quando elas são cercadas por pessoas que gostam de ler e o fazem com frequência, ficam curiosas e podem desenvolver o mesmo gosto pela atividade.

Infelizmente, a mediação da leitura no âmbito familiar não é uma realidade na vida de todas as crianças e adolescentes, o que torna ainda mais importante a existência de

bibliotecas nas escolas, pois elas atuam como uma importante ferramenta na democratização e no incentivo à leitura, mas, além de existir, elas devem buscar entender como despertar o interesse dos usuários pela leitura, realizar atividades, tentar manter o acervo atualizado com livros atrativos e diversificados e auxiliá-los a tornarem-se leitores assíduos, curiosos e independentes.

Incentivar a leitura, pode ser uma tarefa ainda mais árdua quando praticada por um alguém que não possui o hábito que visa instigar no outro. Quando a leitura é apresentada por um leitor, por alguém que recomenda os livros preferidos, que lê em voz alta, que seleciona trechos e histórias; pode ser mais natural ver o ato de ler como algo bom e não, como algo enfadonho. Para iniciar alguém no mundo da leitura, é interessante atentar-se aos “direitos do leitor” mencionados por Pennac (1993, p. 139):

- 1) O direito de não ler.
- 2) O direito de pular páginas.
- 3) O direito de não terminar um livro.
- 4) O direito de reler.
- 5) O direito de ler qualquer coisa.
- 6) O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível)
- 7) O direito de ler em qualquer lugar.
- 8) O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
- 9) O direito de ler em voz alta.
- 10) O direito de calar.

Tendo em vista que “O leitor é o receptor de um conhecimento contido no texto para construir o sentido” (RANGEL, 2012, p. 21), entendemos melhor quão importante é atrair as pessoas para a leitura. É uma opção de entretenimento mesmo em um mundo cada vez mais tecnológico, com tantas alternativas de diversão, mas também é a forma de nos informarmos e de nos apropriarmos dos saberes. Além de receptores do conhecimento, os leitores também adquirem uma visão mais crítica diante da sociedade e dos acontecimentos, ou seja, são mais preparados para a vida. (BOTO; BRAZ, 2017)

É mencionado por Boto e Braz (2017, p. 674) que “A presença das bibliotecas é indispensável para a prática pedagógica da leitura” e isso nos diz que elas têm essa função educativa de suporte aos conteúdos escolares e de preparação para uma leitura com um objetivo mais específico, como para busca de informações, para pesquisa acadêmica, escolar ou, até mesmo, para assuntos do âmbito pessoal.

A falta de uma biblioteca é uma deficiência na estrutura escolar e é mais problemática quando nos deparamos com a realidade de que “A biblioteca da escola é geralmente a primeira e a única conhecida pela maioria das crianças das classes populares.”(SIMÃO; SCHERCHER; NEVES, 1993, p. 13) Uma biblioteca ativa na vida escolar pode até mesmo incentivar os estudantes a continuarem buscando outras fora da escola e a serem constantes usuários da informação.

O papel da biblioteca no incentivo à leitura é claro e realizado de acordo com as possibilidades de cada uma, porém, de acordo com Campello (2010), algumas bibliotecas focam apenas na promoção da leitura na escola, se omitindo assim da função educativa que este espaço tem para a pesquisa escolar e para o desenvolvimento do letramento informacional, que é uma característica a ser desenvolvida para que os estudantes tenham melhor desempenho na vida acadêmica, profissional e pessoal.

Como mencionado anteriormente, o gosto pela leitura é importante para iniciar as pessoas em atividades de maior complexidade. Campello (2010, p. 203) ressalta esse valor no sentido de a leitura ser um caminho e não um fim, quando diz que “Considerando que a competência em leitura seja fator básico para o letramento informacional, pode-se dizer que a prática do bibliotecário brasileiro encontra-se em patamar que antecede ao letramento informacional.” Isso significa que, para que as bibliotecas se adaptem às novas necessidades educacionais, precisam dar um passo à frente na educação de usuários e na colaboração com a pesquisa escolar. Sendo assim, os estudantes “[...] além de tornarem-se leitores, necessitam ser competentes para aprender por meio da informação, isto é, necessitam desenvolver habilidades informacionais.” (CAMPELLO, 2010, p. 185)

Saber buscar, encontrar, analisar e utilizar as informações mais relevantes são habilidades necessárias e devem ser desenvolvidas. Porém, a busca por conteúdos e fontes de informação confiáveis é uma dificuldade que atinge não apenas estudantes de ensino médio, pois não é incomum que as pessoas levem isso às outras fases da vida, como na universidade, por exemplo. É compreensível que isso ocorra, principalmente nas últimas décadas, pois o volume de informações e fontes é cada vez mais numeroso e diversificado, não apenas em quantidade de conteúdos, mas em possibilidades de suportes a serem utilizados.

Isso porque o uso das tecnologias para produção, compartilhamento e utilização de informações é cada vez mais significativo. Graças à facilidade de acesso proporcionada

pelas tecnologias, a internet se tornou uma fonte de informação importante e, para muitos, se tornou a principal. (MORO; ESTABEL, 2011) Ao contrário do que possa parecer, isso não significa que as bibliotecas se tornarão obsoletas, apenas que terão mais possibilidades em seu trabalho de fornecer informações de qualidade para seus usuários.

Jovens em idade escolar utilizam, cotidianamente, essas tecnologias e isso possui aspectos positivos, como o acesso a um grande e diversificado repertório informacional; porém isso também trouxe alguns percalços, já que quantidade não significa qualidade nem confiabilidade, o que pode gerar, contraditoriamente, desinformação. A internet acaba evidenciando a baixa habilidade na busca por informações, expondo que nem mesmo aumentando a facilidade do acesso a elas, há uma ampliação da qualidade das informações obtidas. Exemplo de uma das consequências da falta de boas estratégias de busca e uso da informação disponível na internet são observadas quando se constata que a prática de copiar e colar, ou seja, de plagiar outros trabalhos, é muito comum no mundo acadêmico. (GASQUE, 2012)

Visto que as BE são importantes disseminadoras de informação para auxílio do processo de ensino-aprendizagem e transformação social, é indispensável a adaptação aos mais diversos suportes do conhecimento, sendo assim, “um centro de cidadania digital, onde a comunidade escolar aprende a usar ferramentas digitais, de forma adequada, ética e segura, e aprende estratégias para proteger a identidade e informações pessoais.” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2015) Em um mundo voltado para a tecnologia e onde ela modifica profundamente o ambiente educacional e suas funções, a biblioteca, assim como o corpo docente da escola, é um dos elementos que participam desse processo de preparar os estudantes para os desafios que tais mudanças podem causar. (KUHLTHAU, 1998)

Sabendo que um dos papéis das bibliotecas escolares é auxiliar os estudantes no processo de busca e uso da informação, entendemos conseqüentemente a importância de conhecer os comportamentos informacionais dos usuários, ou seja, identificar o nível de instrução onde os alunos se encontram e a forma como eles se portam diante de uma necessidade informacional, suas estratégias de busca, a utilização e suas dificuldades nesse processo. A partir da análise desses comportamentos, os profissionais bibliotecários poderão

planejar e desenvolver produtos e serviços para atender as necessidades dos usuários. (DIAS; PIRES, 2004)

O planejamento a ser realizado a partir da compreensão das formas de proceder do público é vital para o pleno funcionamento de uma biblioteca, pois é nele que a biblioteca baseia todas suas ações, assim, como é dito por Dias e Pires (2004, p. 28), ele “[...] é de suma importância uma vez que não deixa o futuro ao acaso; traz pelo menos três grandes benefícios a organização: permanência das decisões, equilíbrio e melhor desempenho.” Dessa maneira, traz maior consistência para as ações da unidade, facilitando a comunicação com a comunidade e o alinhamento com as políticas da escola.

Um serviço que deve ser desenvolvido em qualquer tipo de biblioteca, mas em especial na escolar, para assim preparar desde cedo os alunos para o uso de outros tipos de bibliotecas e unidades de informação ao longo da vida, é a educação de usuários. Esse termo partiu de *bibliographic instruction*, que passou a ser utilizado a partir da década de 50 e pode ser visto como uma ampliação do conceito de serviço de referência, pois auxilia mais profundamente na utilização dos recursos da biblioteca, viabilizando maior participação no processo de auxiliar os alunos a adquirirem habilidades informacionais. (CAMPELLO, 2003)

A educação de usuário abrange atividades de orientação de uso do acervo, de busca por fontes confiáveis e de aplicação das informações que estão disponíveis através de “[...] palestras, visitas orientadas e cursos rápidos até disciplinas específicas de orientação bibliográfica, inseridas nos currículos e programas das escolas, faculdades e universidades.” (DIAS; PIRES, 2004, p. 35) Ensinar os alunos a utilizar as informações disponíveis é um dos grandes pilares para a atuação educacional de bibliotecas em escolas. Bagno (2005) e Campello (2003) argumentam que não basta apenas disponibilizar os materiais na instituição e guiar superficialmente os usuários na utilização deles, pois, para atender às demandas de aprendizagem, que são cada vez maiores, a biblioteca é o espaço ideal para auxiliar os alunos a conhecer os melhores caminhos e analisar as informações disponíveis para atingirem os conhecimentos desejados e aplicá-los às suas necessidades.

No ensino médio, a relevância de um local onde há produtos e serviços de informação, bem como auxílio no seu uso e manuseio, é agravada devido aos alunos estarem concluindo uma etapa educacional para, então, explorarem outras etapas de suas vidas e, por isso, eles devem estar preparados para enfrentar esse mundo de grandes mudanças e

informações crescentes, desorganizadas e contraditórias, que ele, sendo competente em informação, saberá lidar de uma maneira mais simples.

Então, é possível concluir que as BE desempenham seu papel como suporte educacional quando elas são espaços de ação cultural, para eventos, histórias, palestras, oficinas, etc. (GASQUE, 2013); quando incentiva a leitura e a busca por informações, independente do objetivo (se prazer ou educação) ou do formato (se digital, impresso ou audiovisual), preocupando-se majoritariamente com a qualidade e com a construção de competências.

Porém, há dois fatores de suma importância para o pleno funcionamento e para o desempenho das funções citadas anteriormente que uma biblioteca pode desempenhar, são eles, os investimentos, que normalmente são escassos por falta de interesse das escolas e dos governantes com este setor tão importante das escolas, e a presença de um profissional formado, capacitado e munido de conhecimentos técnicos e teóricos que sirvam de suporte para as atividades e dificuldades que irá enfrentar.

2.3 Bibliotecário na escola

O desdém pela educação brasileira não é constatado apenas na falta de recursos disponibilizados para este setor, nem com as poucas políticas públicas atualizadas e eficientes e na desvalorização de professores, mas também é observado no descrédito dado às bibliotecas escolares e, mais ainda, à profissão de bibliotecário. Em muitas escolas há “bibliotecas”, mas não há um profissional formado em Biblioteconomia e sim, professores readaptados ou profissionais de outras áreas de atuação.

Essas bibliotecas, mal podem ser assim identificadas, já que segundo a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (2015), um dos atributos que faz com que uma biblioteca escolar possa assim ser reconhecida, é a presença de um bibliotecário, ou seja, um profissional formado em Biblioteconomia e registrado.

Diante disso, Caldin (2005) destaca que um acervo de qualidade e um profissional bibliotecário são os aspectos mais importantes para o funcionamento de uma biblioteca e de suas ações, mas acrescenta que uma biblioteca com um acervo bibliográfico “fraco” pode funcionar se tiver um profissional preparado e criativo, que saiba contornar tais fragilidades.

Já a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (2015, p. 16) reforça o que Caldin (2005) argumenta, quando diz que “O recurso mais importante de uma biblioteca escolar é um bibliotecário escolar qualificado [...]”.

A relevância de um profissional formado em Biblioteconomia não é apenas uma teoria ou uma sugestão, é respaldada por lei, como pode-se observar no artigo 2º da Lei nº 4.084, de 30 de Junho de 1962, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício, quando diz que:

Art 2º O exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido:

- a) aos **Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas** expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas;
- b) aos Bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente. (BRASIL, 1962, grifo nosso)

Além da Lei nº 4.084, tem-se a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País, que determina que:

Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, **respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.** (BRASIL, 2010, grifo nosso)

Mas a realidade é que, mesmo contando com esse respaldo, muitas instituições, principalmente as escolas, quando têm bibliotecas, minimizam ou até ignoram a importância da profissão. Não compreendem que bibliotecas são mais do que meros depósitos de livros adquiridos e organizados sem critério, que necessitam desenvolver atividades que dependem de profissionais competentes.

Com base nas considerações de Fleury e Fleury (2001) e Vitorino (2007), podemos entender o conceito competência como uma capacidade de internalizar conhecimentos práticos e teóricos e utilizá-los no desenvolvimento de habilidades e na aplicação em atividades específicas e, ainda, como um processo de aprendizado e atualização contínuo. Ou seja, ainda de acordo com Fleury e Fleury (2001, p. 187) “A noção de competência aparece assim associada a verbos como: saber agir, mobilizar recursos, integrar

saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber engajar-se, assumir responsabilidades, ter visão estratégica.”

Algumas capacidades e conhecimentos que bibliotecários escolares devem possuir, segundo a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (2015) e Vitorino (2007) são:

- Leitura sobre diversas temáticas e para várias faixas etárias;
- Ensino e aprendizagem;
- Competência informacional;
- Cultura;
- Pesquisa escolar;
- Pesquisa acadêmica;
- Planejamento;
- Fontes de informação;
- Uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs);
- Desenvolvimento de coleção;
- Responsabilidade social e ética;
- Trabalho em equipe (para atuar junto aos outros funcionários da escola);
- Continuar aprendendo ao longo da vida, aprendizagem continuada; etc.

Uma capacidade citada em muitos trabalhos sobre competência, é a de sempre aprender, ou seja, de ter uma educação continuada. Isso porque, como em grande parte dos cursos de graduação, o curso de Biblioteconomia prepara para desempenhar diversas atividades relativas à profissão, porém, como é citado por Castro (2000), os currículos dos cursos de Biblioteconomia continuam muito focados em técnicas tradicionais e necessitam de atualização, e nem todas as faculdades contam com recursos tecnológicos suficientes para preparar os graduandos para a utilização desses recursos no mercado de trabalho.

Então, principalmente nesse momento da sociedade onde praticamente todas as áreas estão sofrendo constantes mudanças em suas teorias e práticas, para uma atuação profissional de qualidade, os bibliotecários devem buscar acompanhar as mudanças e avanços de sua área e também de áreas afins, devem atualizar-se constantemente, fazer cursos, ler artigos, participar de congressos e eventos acadêmicos em geral, para assim construir uma

prática baseada em evidências, ou seja, através de resultados de pesquisas, planejar e realizar ações efetivas dentro da biblioteca. (CAMPELLO, 2012)

Outro fator relevante para uma atuação adequada de bibliotecários nas escolas é que haja uma parceria com os outros componentes da comunidade escolar, já que “A colaboração é uma parte essencial do trabalho do bibliotecário escolar.” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2015, p. 33)

O trabalho em equipe da biblioteca com as outras partes da escola é essencial para que o bibliotecário possa desempenhar o seu papel no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes de acordo com a missão e com os objetivos da instituição onde está inserido, pois, isso dará a possibilidade do profissional auxiliar, de maneira mais ativa, nas atividades e ensinamentos passados pelos professores em sala de aula. Além disso, essa parceria reforça a importância de um profissional formado e preparado nas instituições de ensino (ROSA, 2014).

2.4 Biblioteca e educação

As transformações que ocorrem na nossa sociedade em aspectos como informação, comunicação e tecnologias, impactam diretamente na atuação da escola, pois as novas formas de transmitir conhecimento “competem” com o papel educador da escola. As informações são encontradas por todos os lados, mas, apesar de sua abundância, elas geralmente se encontram desorganizadas. A escola, neste contexto, não pode se restringir a ser transmissora de informações, ela deve ser o local onde se aprende a aprender, onde são desenvolvidas as capacidades de selecionar informações confiáveis e de qualidade.

A educação, como “[...] processo mediante o qual o conhecimento se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza, disseminando seus resultados no seio da sociedade” (SEVERINO, 2017, p. 21), não se dá exclusivamente no ambiente escolar, ela se desenvolve também no convívio familiar, nas interações sociais em geral, no trabalho, no lazer; ou seja, a escola é mais uma “peça” na construção do indivíduo, mas não a única. Sendo que a educação escolar abrange o ensino

básico - constituído pelo ensino infantil, fundamental e médio - e o ensino superior. (BRASIL, 1996)

O ensino médio, como última fase da educação básica, tem um papel essencial para o estudante, pois é quando muitas mudanças ocorrem, onde há o fim de um ciclo e o início de um novo. Assim, ele tem como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996)

Ou seja, é a fase que busca firmar os conhecimentos obtidos nas outras fases do ensino básico e “preparar o terreno” para novos conhecimentos e etapas de ensino, como um ensino superior ou técnico, por exemplo. Tendo em vista a importância do ensino médio para a sociedade, ele é alvo de constantes discussões sobre seus rumos e de mudanças em suas estruturas.

Esses debates acerca de seus procedimentos se dão também por conta de interesses políticos e ideológicos, pois, por conta dos posicionamentos dos que se encontram no poder, há tentativas de utilizar o ambiente escolar não apenas como um local de aprendizado e disseminação de conhecimentos, mas também como uma ferramenta para repassar as ideologias dominantes ou para privar os alunos de desenvolver maior senso crítico por meio de currículos mais enxutos e de metodologias ineficazes. (ALBUQUERQUE et al., 2020)

Em governos onde a educação não é tão valorizada, há um foco maior na educação técnica e profissionalizante, que buscam inserir o estudante rapidamente no mercado de trabalho em detrimento de uma educação mais completa. Nosella (2011) defende que o ensino médio deve ser de “caráter formativo” e não focar unicamente no aspecto profissionalizante, que visa acomodar socialmente esses jovens e explorar a mão de obra deles, ao passo que sucateiam cada vez mais a educação. Assim, fica claro, que nem todas as

transformações ocorridas na estrutura do ensino médio são positivas para os estudantes e para a sociedade num todo.

Mais recentemente, foi instituído no Brasil o denominado “novo ensino médio”, representado pela Lei 13.415/2017, decorrente da Medida Provisória 746/2016, que “Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional” (BRASIL, 2017) e outras leis relativas à educação no ensino médio do país.

O “novo ensino médio” traz, como mudanças mais destacadas, as alterações na carga horária, que será aumentada progressivamente para 1400 horas/aula por ano e no currículo escolar, que será dividido em duas partes, uma determinada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abrangendo disciplinas básicas e comuns a todos os estudantes do ensino médio e a segunda constituída por itinerários formativos, que teoricamente poderão ser escolhidos pelos alunos, com base em seus interesses e suas perspectivas para o futuro. (BRASIL, 2017)

No entanto, essa lei é alvo de muitas críticas, não apenas por conta de seu claro caráter ideológico e da pressa com que foi disposta para a população, mas também por suas propostas ineficazes e até mesmo prejudiciais para a educação brasileira. Excluir disciplinas como história, geografia, ciências, etc., da Base Nacional Comum Curricular, é mais um passo no processo de precarização da educação básica. (ALBUQUERQUE et al., 2020)

Já que “[...] deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino[...]” (BRASIL, 2017), fica claro que as escolas não contarão com todos os itinerários formativos propostos pela Lei 13.415/2017, que também não explicita qual a quantidade mínima que deve conter em cada escola e/ou região. Assim, se um aluno escolher um itinerário que não é oferecido nas escolas de sua região e não poder se deslocar para outra, não terá realmente poder de escolha. O que demonstra que a liberdade de escolha pregada pela lei não passa de uma “propaganda enganosa”. (SILVEIRA; RAMOS; VIANA, 2018)

É problemático que o sistema educacional brasileiro esteja em retrocesso em um período em que a educação passa por desafios por conta dos avanços na utilização de tecnologias de informação e comunicação e de transformações sociais. (LIMA, 2011) Momento delicado também para os estudantes que se encontram em um momento de “[...] busca de sua definição moral, intelectual e social” (NOSELLA, 2011, p. 1051) e que

necessitam, portanto, de uma estrutura educacional que os dê uma formação de qualidade e os auxilie a crescer e a desenvolver sua autonomia.

Assim, além de melhores posicionamentos vindos do governo, o ensino médio brasileiro necessita que as escolas, também se posicionem como instituição, ou seja, devem ter missão e objetivos compatíveis com a realidade e com as necessidades da comunidade escolar atendida e planejar-se para cumpri-los. As escolas necessitam ter, então, um projeto político-pedagógico (PPP) que considere o que a comunidade escolar precisa, os materiais disponíveis e os propósitos de uma educação de qualidade. Além disso, é imprescindível que sua elaboração se dê com a participação de toda a comunidade escolar: alunos, familiares, professores, etc. (BRASIL, 2013)

Portanto, as escolas devem ter como foco “[...] garantir aos estudantes uma educação de qualidade, todas as atividades da escola e a sua gestão devem estar articuladas para esse propósito”(BRASIL, 2013, p. 173), isto é, proporcionar, na medida das possibilidades, um ambiente propício para a educação e conhecimento e para o desenvolvimento de competências e, neste ponto, a biblioteca escolar é indispensável.

A biblioteca escolar tem, dessa forma, que estar alinhada com o planejamento e com os objetivos da instituição onde está inserida. Ou seja, seu próprio planejamento deve ser realizado em conjunto com o da instituição de ensino e, assim como a escola, deve ter objetivos bem definidos, para que assim ela possa cumprir seu papel de “[...] centro do fazer educativo”. (NERY, 1989, p. 56)

Porém, como Krawczyk (2009) menciona, muitas bibliotecas escolares não possuem acervos relevantes e a estrutura adequada para desempenhar ações maiores e visíveis nas escolas. As ações governamentais, neste sentido, muitas vezes se restringem apenas à compra e distribuição de livros para as escolas e alunos, como é o caso do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Ela aponta também que, mesmo em bibliotecas com condições melhores, poucos são os professores que aproveitam os recursos desse local como apoio para seu trabalho com os estudantes e que, quando utilizam, muitas vezes se limitam apenas aos livros didáticos.

Deve-se compreender as possibilidades que uma biblioteca escolar pode oferecer, entender que elas apoiam as práticas escolares, não apenas fornecendo materiais para esta,

mas também dando suporte para as atividades escolares e para a aplicação do currículo escolar. Este que:

[...] enquanto instrumentação da cidadania democrática, deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração de homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva. (BRASIL, 2000, p. 15)

Sendo a escola o local com maior possibilidade de acesso, de forma organizada, aos conhecimentos produzidos pela humanidade e sabendo que a formação escolar é uma importante ferramenta para a desenvolvimento do cidadão e para o acesso aos direitos sociais (BRASIL, 2013), fica clara a importância do currículo ser constantemente revisado e atualizado para as novas necessidades educacionais. Ciência, tecnologia e cultura devem estar em destaque ao pensar no currículo escolar do ensino médio. (BRASIL, 2013) Infelizmente, como citado anteriormente, nem todas as mudanças são benéficas para a educação.

A sociedade, com o uso intensivo das tecnologias e da rápida produção informacional, exige das pessoas a habilidade de aprender a aprender e de continuar se aperfeiçoando ao longo da vida. Desse modo, é importante que os professores sejam mediadores, facilitadores de informação, e não apenas transmissores, a escola deve buscar ensinar aos alunos como aprender. O ensino médio, desse modo, deverá ser orientado por:

I - formação integral do estudante, expressa por valores, aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais;
[...]
III - pesquisa como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos; (BRASIL, 2018)

A pesquisa é então um modo de desenvolver nos estudantes a curiosidade e a autonomia para aprender e selecionar informações. É algo importante a ser incluído no currículo e no cotidiano escolar para obter uma atitude científica, que é de grande valor em um mundo de grande volume informacional, mas com muitas informações inverídicas, manipuladas e incompletas.

Sendo assim, competência em pesquisa é essencial para a educação, pois coloca os estudantes em uma postura mais ativa e crítica diante das informações e os incentiva a serem constantes consumidores e até mesmo, produtores de informações de qualidade e compromissadas com a realidade.

Ou seja, uma educação, para ser completa, exige competência para pesquisar e esta anda de mãos dadas com a de aprender. Isso por nossa sociedade ser cada vez mais complexa no que tange a informação, o conhecimento e a comunicação. E sendo a educação “[...] um ato político e civilizatório, implicando uma complexa formação humana, inserida em seu contexto sócio histórico” (SOARES, 2016, p. 65), ela é a principal peça nessa estrutura. Assim, ensino, educação e a pesquisa são indissociáveis para a construção do conhecimento e da autonomia, formando assim cidadãos mais participativos, melhores profissionais e humanos mais ativos e conscientes. (SOARES, 2016)

E as bibliotecas são grandes aliadas neste sentido, pois elas disponibilizam informações, além de auxiliarem na busca, na seleção e no uso delas. Desse modo, elas buscam acompanhar os avanços na educação e nas abordagens que têm como objetivo dar maior autonomia para que os estudantes construam seu próprio conhecimento. (SIMÃO; SCHERCHER; NEVES, 1993) Nesta linha de pensamento, Amato e Garcia (1989) apontam que uma escola só está completa quando há uma biblioteca atuante no processo de ensino-aprendizagem.

Quando a biblioteca tem recursos para funcionar adequadamente, tem um profissional formado e trabalha em conjunto com o corpo docente, há um ganho para os discentes em termos de acesso e uso da informação, e na pesquisa, que “[...] como princípio educativo visa contribuir para a inserção da cultura da cientificidade e da construção do conhecimento na Educação brasileira.” (SOARES, 2016, p. 93) Kuhlthau (1998, p. 10) reforça a importância dessa colaboração ao dizer que “O papel do bibliotecário em uma escola na sociedade da informação não é apenas fornecer uma grande quantidade de recursos informacionais, mas também colaborar com os professores como facilitadores e treinadores no processo de aprendizagem baseado em tais recursos.”

Os sistemas educacionais e as próprias instituições de ensino devem desenvolver políticas e estratégias que propiciem o uso de bibliotecas na busca por informações e como ferramenta de apoio à pesquisa. Milanesi (2002, p. 95) critica esta falta ao dizer que “A

política educacional ainda não chegou às bibliotecas ou, se chegou, foi de modo tão pouco ambicioso que passou despercebida.”

É argumentado por Milanesi (2002) que estudantes que saíram de um segundo grau (ensino médio) composto basicamente de aulas expositivas, na base de ouvir, ler e copiar, carente de bibliotecas com bons acervos e participativas na construção do conhecimento e que não tiveram contato com a pesquisa durante sua trajetória escolar, fazendo no máximo cópias de textos retirados da internet, terão maiores dificuldades para entrar em boas universidades e, caso entrem, passarão por maiores provações durante a vida acadêmica. “Assim, completa-se uma trajetória nada surpreendente: a má formação básica abre as portas para ensino superior equivalente.” (MILANESI, 2002, p. 65)

3 PESQUISA NA ESCOLA

O ensino médio se passa em um período de muitas decisões e mudanças na vida dos estudantes, estes têm objetivos de vida variados e que não são constantes. Não são todos que sonham em ingressar na vida acadêmica e na pesquisa científica, as razões para isso também não são iguais para todos eles, alguns não tiveram incentivos ou exemplos para tal, outros querem ter vivências diferentes após o ensino médio; enfim, há motivações dependendo da experiência do indivíduo. O que não justifica uma educação baseada quase exclusivamente em aulas expositivas e que não incentiva o desenvolvimento de outras capacidades.

A pesquisa e a busca por conhecimentos não devem se restringir apenas à academia, Demo (2011) defende a pesquisa como princípio educativo e que deve estar inserida nas escolas desde os primeiros anos de ensino, pois ela auxilia a aprender de forma mais completa e criativa. Ainda segundo Demo (2011, p. 43):

[...] pesquisa como diálogo é processo cotidiano, integrante ao ritmo da vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base de aprendizagem que não se restrinja a mera reprodução; na acepção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente.

Sendo assim, podemos entender que a pesquisa não é apenas algo acadêmico e científico, pois, apesar da importância delas na sociedade, o conhecimento de pesquisa deve ser algo inserido no cotidiano e em especial no cotidiano escolar, que é o ambiente que mais dispõe de ferramentas para tal. Nesse ambiente “[...] não está em jogo produzir ciência propriamente dita, mas construir a metodologia do “aprender a aprender.” (OLIGURSKI e PACHANE, 2020, p. 252)

Na dita sociedade da informação, é necessário aprender a se informar e a transformar as informações acessadas em conhecimento. Então, para se poder adquirir competência informacional e em pesquisa desde cedo, não basta frequentar uma escola e ter materiais a disposição em uma biblioteca, é necessário que estes dois locais trabalhem juntos no sentido de propiciar um aprendizado mais completo e competências que os estudantes levarão para a vida.

3.1 Competência em informação

Normalmente, quando falamos de competência, associamos às pessoas que sabem desempenhar certas ações, enquanto seu antônimo é colocado como algo depreciativo, como se a pessoa em questão fosse desprovida de inteligência e completamente ignorante. É um conceito que pode variar dependendo da área de conhecimento que o utiliza. (FLEURY e FLEURY, 2001) Ainda de acordo com Fleury e Fleury (2001, p. 185), pode-se entender competência como:

[...]conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (isto é, conjunto de capacidades humanas) que justificam um alto desempenho, acreditando-se que os melhores desempenhos estão fundamentados na inteligência e personalidade das pessoas. Em outras palavras, a competência é percebida como estoque de recursos, que o indivíduo detém.

Sendo assim, o conceito de competência é vinculado a: “[...] saber agir, mobilizar recursos, integrar saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber engajar-se, assumir responsabilidades, ter visão estratégica.” (FLEURY e FLEURY, 2001, p. 187)

Quadro 1 - Competências do Profissional

Saber agir	Saber o que e por que fiz. Saber julgar, escolher, decidir.
Saber mobilizar recursos	Criar sinergia e mobilizar recursos e competências.
Saber comunicar	Compreender, trabalhar, transmitir informações, conhecimentos.
Saber aprender	Trabalhar o conhecimento e a experiência, rever modelos mentais; saber desenvolver-se.
Saber engajar-se e comprometer-se	Saber empreender, assumir riscos. Comprometer-se.
Saber assumir responsabilidades	Ser responsável, assumindo os riscos e consequências de suas ações e sendo por isso reconhecido.
Ter visão estratégica	Conhecer e entender o negócio da organização, o seu ambiente, identificando oportunidades e alternativas.

Fonte: Fleury e Fleury (2001, p. 188)

Com o uso mais frequente da palavra, possuir e desenvolver competências tornou-se uma necessidade em diversas áreas da vida, mas principalmente quando se trata do mundo do trabalho, este que possui exigências específicas nesse sentido. Porém, em um

contexto de avanço informacional, notamos que o consumo e utilização adequados de informação passou a ser inestimável.

A importância crescente que a informação tem em nossas vidas, fez com que o campo da ciência da informação se voltasse para esta competência específica, desenvolvendo assim, o conceito e estudos direcionados para a *information literacy*.

O termo *information literacy* ganhou mais força no Brasil por volta da década de 2000, mas, nos Estados Unidos, esse tema passou a ser debatido ainda na década de 1970, com o aumento da importância dada à informação e sua utilização em diversos âmbitos da vida. (VITORINO e PIANTOLA, 2009) Segundo Gasque (2012, p. 26), “Em 1974, a expressão *information literacy* foi cunhada pelo bibliotecário americano Paul Zurkowski e mencionada no relatório intitulado *The information service environment relationships and priorities*.”

Chegando no Brasil, o termo foi traduzido de várias formas, como “alfabetização informacional” ou “competência informacional”. (CAMPELLO, 2003) É identificado por Borges (2018, p. 125), que no país “[...] a maior parte dos estudos vem adotando a expressão ‘competência em informação’, embora sejam encontrados trabalhos com a mesma temática sob a expressão “letramento informacional” e outras terminologias.” No entanto, para Vitorino e Piantola (2009, p. 131), a tradução para competência informacional é mais adequada por trazer “[...] uma carga semântica mais complexa e adequada ao tratamento do tema direcionado ao profissional bibliotecário.”

É defendido por Gasque (2012), que os termos letramento informacional, alfabetização informacional, habilidade informacional e competência informacional, não devem ser usados como sinônimos, apesar de estarem relacionados. Desse modo, a autora busca apontar as diferenças entre esses conceitos, colocando então o **letramento informacional** como um “[...] processo de aprendizagem necessário ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas para buscar e usar a informação.” (GASQUE, 2012, p. 39) O início do processo de letramento, se daria então com os primeiros contatos com os conceitos e sistemas do universo informacional, sendo essa etapa a de **alfabetização informacional**. Adquirindo informações de qualidade, pode-se desenvolver conhecimentos que podem ser meios para resolução de problemas e tomadas de decisão; esses conhecimentos, quando são mobilizados em “saber fazer” e “saber aplicar” é o que define a

competência informacional e ao adquirir competências, pode-se desenvolver **habilidades**. (GASQUE, 2012) Desse modo, podemos compreender que:

Para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação [...] Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas (ALA, 1989, apud CAMPELLO, 2006, p. 66)

A competência informacional não é simplesmente saber acessar e aplicar habilmente a informação, ela também é uma fonte para o desenvolvimento de pensamento crítico, para fomentar questionamentos sobre o mundo em que estamos inseridos, para a busca de soluções e com tudo isso, formar uma sociedade realmente democrática e consciente. (VITORINO; PIANTOLA, 2009)

Nesse sentido, Belluzzo (2013, p. 68) identifica três importantes requisitos para a competência em informação na sociedade contemporânea:

Competência em Informação para a cidadania: compromisso ativo com a comunidade, política e desenvolvimento global mediante o livre acesso e o uso crítico de dados e informação.

Competência em Informação para o crescimento econômico: fomento do desenvolvimento de empresas já existentes e de nova criação mediante o uso criativo e intensivo do conhecimento e a combinação eficiente dos serviços de informação.

Competência em Informação para a empregabilidade: educação, formação e desenvolvimento contínuo de todos os conhecimentos, habilidades e estratégias necessárias para o acesso e o êxito econômico.

Quando se fala em ser competente no uso da informação em um contexto de produção acelerada e diversidade de suportes, Kuhlthau (1998) entende ser necessário, na medida do possível, saber lidar com informações em abundância, em situações onde elas não se encontram organizadas e estão em constante mudança; e ainda assim, conseguir obter um entendimento próprio a partir delas.

De acordo com os estudos realizados por Vitorino e Piantola (2011), a competência informacional possui quatro dimensões:

[...]dimensão técnica, dimensão estética, dimensão ética e dimensão política. Todas devem estar presentes em harmonia tanto na competência quanto na informação,

pois juntas e em equilíbrio tendem a favorecer o desenvolvimento da competência informacional. (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 102)

Então, é possível compreender que o conceito de competência informacional não é restrito, ele perpassa a vida pessoal, profissional e educacional do indivíduo. Desse modo, tal competência deve ser incorporada desde cedo na vida das pessoas, desde as séries iniciais das escolas, pois é uma forma de preparar os estudantes para a vida. Além disso, desenvolver esta competência é um passo essencial para a pesquisa escolar e acadêmica.

O bibliotecário que atua na escola, deve então ser um facilitador nesse processo, disponibilizando e auxiliando no manejo de diversas fontes e formatos informacionais, tendo uma postura educadora e cooperando com o projeto pedagógico da instituição e com os outros funcionários da mesma. A biblioteca é o espaço ideal para aprender a utilizar a informação e a desenvolver uma atitude de pesquisador. (VITORINO, 2007)

3.2 Competência em pesquisa

Em nosso cotidiano, é comum haver equívocos quanto ao conceito e ao papel da pesquisa, isso porque, ela é vista como um processo extremamente restrito, ao alcance apenas de pessoas que atingiram altos níveis acadêmicos. Contrapondo essa ideia, Demo (2007) diz que a pesquisa deve ser incluída em nossas vidas como algo rotineiro, como uma atitude questionadora frente ao mundo e ao que percebemos dele, como algo que não deve ser visto como uma ação especial, para pessoas excepcionais. O que não significa que o autor a coloca como algo fútil e sem importância, pelo contrário, por entender a importância da pesquisa, defende que ela necessita ser democratizada.

Para Bagno (2005), a pesquisa já está em nosso cotidiano, apenas não encaixamos nossas ações neste termo. Este autor aponta que utilizamos diariamente a pesquisa, em momentos simples, como quando analisamos vários produtos para decidir qual obter ou quando buscamos informações sobre a previsão do tempo antes de sair de casa. Esses são, então, exemplos mais rudimentares de pesquisa, mas quando se fala de educação e cidadania, nossa capacidade de buscar informações precisa ir além dessa classe de práticas. Bagno (2005, p. 17, grifo do autor), fala também a respeito do significado de pesquisa ao dizer que:

Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia em latim o verbo *perquire*, que significava “procurar, buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca.” [...] Perceba que os significados desse verbo em latim insistem na idéia de uma busca feita com *cuidado* e *profundidade*. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para “dar nota”.

Vários outros autores discorrem a respeito do significado e do papel da pesquisa, como Gil (1994), que define pesquisa como:

[...] o procedimento racional e sistemático que tem por objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 1994, p. 17)

A pesquisa pode ser definida também como uma atitude questionadora frente às informações disponíveis; e como uma capacidade de interagir com a realidade, com um olhar curioso e criativo. É uma forma de aprender, criar e dialogar. (DEMO, 2011)

Assim, é possível enxergar que a pesquisa e a competência informacional se relacionam; podemos dizer até que são inseparáveis, pois uma leva à outra. Isso porque a competência em informação, como capacidade de buscar as informações para aplicá-las na resolução de questões, é o que torna a pesquisa possível.

Ser competente em informação e saber o básico de pesquisa, são pontos-chave para uma educação completa, sendo assim, professores e bibliotecários devem se unir para preparar os estudantes para os desafios de um processo de aprendizagem em um mundo com fontes de informação variadas e em grande quantidade, mas não necessariamente organizadas ou confiáveis.

3.3 Pesquisa e educação

Podemos encontrar informações em livros, revistas, bancos de dados, vídeos, etc.; mas é inegável que os suportes digitais estão ganhando cada vez mais espaço e importância como fonte de conhecimentos, e isso não pode ser ignorado por instituições de ensino que realmente visem o crescimento de seus discentes. Demo (2007) destaca ser essencial que as escolas possuam acervos bons, atualizados e com materiais diversos. Porém, nada disso é realmente eficiente se estes acervos não contarem com profissionais capazes de guiar os

usuários para as informações mais pertinentes e para auxiliá-los no processo de busca e construção de conhecimentos, ou seja, sem bibliotecários.

Assim, em um contexto em que somos “bombardeados” por informações, espera-se que na escola, ambiente próprio para aprender, os alunos não simplesmente recebam conteúdos, mas que aprendam a aprender, que desenvolvam a capacidade de separarem o que é relevante e confiável do que não é, e para isso, é necessário que eles sejam orientados para as boas práticas de utilização informacional e pesquisa. (BAGNO, 2005) Quando pensamos ainda que estamos vivendo um período de grande disseminação de *fake news*, nota-se que aprender a “separar o joio do trigo”, é urgente, e deve ser ensinado desde cedo.

Nesse sentido, Demo (2011, p. 17), enxerga a pesquisa como princípio científico e educativo que “[...]deve aparecer em todo trajeto educativo [...] na base de qualquer proposta emancipatória.” Na escola, a pesquisa é voltada para uma aprendizagem criativa, pois por mais que se possa aprender com aulas expositivas e fazendo anotações, aprende-se de forma mais completa quando nos relacionamos mais profundamente com os materiais e conteúdos, quando comparamos ideias e buscamos elaborar algo com base no que aprendemos. Sendo assim, é contraproducente esperar que sejamos bons pesquisadores, quando nos deparamos com a pesquisa de forma mais incisiva, apenas em uma graduação, ou até mesmo em uma pós-graduação; sendo mais coerente, então, que esta prática seja implementada logo nos primeiros anos escolares e desenvolvidas ao longo do percurso escolar, de acordo com a série. (DEMO, 2011)

É identificado por Severino (2017) que a pesquisa possui três dimensões: uma dimensão epistêmica, pois é a partir da pesquisa que construímos nossos conhecimentos, que absorvemos e entendemos melhor o mundo que nos cerca; uma dimensão pedagógica, pois há uma relação inseparável entre ensino/aprendizagem e pesquisa; e uma dimensão social, já que é a partir da obtenção e análise de dados sobre nossa realidade que podemos realizar mudanças.

Para uma educação realmente emancipatória, é necessário que deixemos de separar educação de pesquisa, pois “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.” (FREIRE, 1998, p. 32) e, porque “Quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar.” (DEMO, 2011, p. 15)

A educação, quando separada da pesquisa, faz com que o ensino seja mera repetição, horas dedicadas a copiar, decorar e reproduzir. Quando esse hábito de reproduzir, sem aprofundamento e questionamento, é efetivado durante a educação básica, é provável que ele seja mantido no ensino superior, o que dá origem a estudantes que apenas copiam e passam em provas, e que não têm capacidade de criar e de ter ideias por conta própria. (DEMO, 2011)

Não se pode esperar que um estudante com um ensino básico deficiente chegue em um curso superior com grandes capacidades no que tange a pesquisa científica, isso porque, a própria universidade possui falhas em ensinar a pesquisa, com disciplinas de “metodologia do trabalho científico” que servem apenas para constar no currículo e com a falta de orientação aos alunos, que acabam fazendo trabalhos como faziam quando estavam no ensino fundamental ou médio, ou seja, fazendo apenas “para passar”, muitas vezes plagiando ou pedindo para um terceiro fazer em seu lugar. (BAGNO, 2005)

É comum encontrar estudantes que entram na universidade sem autonomia, com dificuldades para realização de trabalhos e para encontrar informações, além de pouca ética na utilização dessas, o que torna comum o plágio, por exemplo. Essas falhas no desenvolvimento de competências essenciais durante os anos anteriores da educação formal, acabam ficando como responsabilidade das universidades resolver, o que não deveria ocorrer, pois, no ensino superior, essas competências já deveriam ter sido adquiridas para serem aplicadas em trabalhos mais complexos. (ALVES, 2016)

Para introduzir a pesquisa na escola, Bagno (2005) sugere que deve-se buscar temas de interesse, que fazem parte do cotidiano dos estudantes e mostrar como realizar esse tipo de trabalho, para então propor um projeto de pesquisa, que irá se desenvolver ao longo do período letivo. Isso porque não faz sentido chegar em sala de aula e solicitar um trabalho sobre determinado tema para determinada data sem explicar o passo a passo e o objetivo de realizá-lo, isso não é educar.

Desse modo, Bagno (2005) propõe alguns itens a serem desenvolvidos em um projeto, como título, objetivo, justificativa, fontes de consulta, etc.; para guiar os estudantes e para poderem compreender melhor o processo. Aliás, pedir fontes já é um grande passo, pois como o autor menciona, é comum que haja cópias gritantes em trabalhos escolares. Com base

no projeto desenvolvido, os alunos poderão desenvolver o restante do trabalho e Bagno (2005) sugere ainda que tais trabalhos sejam expostos na escola.

Sabendo da importância da participação das bibliotecas escolares no processo de aprendizagem e do desenvolvimento de trabalhos, Kuhlthau (1998) desenvolveu um método que une professores e bibliotecários, com passos para auxiliar os alunos em uma aprendizagem baseada no questionamento, modelo este chamado *processo de busca de informação*. “O processo ocorre em seis estágios: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação, com um estágio adicional de avaliação.” (KUHLTHAU, 1998, p. 11)

O primeiro estágio é a *iniciação*, que é quando a questão a ser desenvolvida é introduzida, tal estágio pode gerar confusão e levar o aluno a analisar suas experiências e conhecimentos anteriores para se guiar. Depois vem a *seleção*, que é o momento de escolher um tema a ser trabalhado com base no que foi apresentado. O terceiro estágio, *exploração*, é apontado como o mais complicado, pois os aprendizes esperam passar da escolha do tema diretamente para a coleta de informação para terminar rapidamente o trabalho, mas nesse estágio, ainda deve-se estudar as informações para encontrar um foco para sua pesquisa. Nessa fase é necessário que haja bastante leitura, para entender melhor o tema. Desse modo, é importante o auxílio da biblioteca na disponibilização e seleção de fontes para poderem ir para a próxima fase, que é a *formulação*, onde o foco do trabalho é realmente definido com base no que foi estudado. Essa fase é definida como a mais importante, por ser o que vai guiar todo o resto do processo. (KUHLTHAU, 1998)

O quinto estágio é a *coleta*, e é quando o educando deve reunir informações para dar embasamento ao foco estabelecido. A biblioteca é um grande suporte por dispor de informações e serviços de busca e seleção, pois várias fontes precisam ser consultadas e comparadas. Depois vem a *apresentação*, quando o aluno completa o projeto e o prepara para expô-lo. Por último, tem a fase de *avaliação*, que é onde o estudante revisa o processo, observando onde errou e acertou, quais suas maiores potencialidades e dificuldades, o que irá auxiliá-lo quando for desenvolver outros trabalhos e quando necessitar buscar informações em geral. (KUHLTHAU, 1998)

A autora sugere ainda seis estratégias para auxiliar os aprendizes na aprendizagem baseada no questionamento. A primeira estratégia é a *colaboração*, colocando os alunos para trabalharem em grupo para debates e trocas; a *continuidade*, que serve para expor as fases do

projeto e o que é necessário em cada uma, dando assim, a noção de sequência nas tarefas; a *escolha*, para mostrar que pesquisar necessita decisões, de temas, de fontes, de quantidade e qualidade de informações, etc.; tem também o *diálogo*, essencial para reavaliar suas ideias; a *esquematização*, incentivando a construção de mapas, desenhos ou tabelas, por exemplo, para ilustrar seus conhecimentos; e por fim, a autora propõe a *redação* como estratégia, ou seja, solicitando a construção de textos para diversos fins. (KUHLTHAU, 1998)

É inegável que a educação brasileira, em especial a pública, passa por dificuldades, como a evasão escolar e escolas que recebem recursos de forma insuficiente. Mas restringir a educação ao ensino em sala de aula, às cópias e à memorização, não é um avanço na resolução de problemas, pelo contrário, torna a educação mais precária e menos estimulante. Assim, por mais que seja difícil pôr em prática “métodos prontos” de introdução à pesquisa no ensino básico, não se pode abandonar a tentativa, o estímulo. Esses métodos, não são fechados, podendo passar por adaptações dependendo da situação dos estudantes.

Bagno (2005) critica esse tipo de “educação de copiar e colar”, quando menciona o absurdo de existirem escolas (e não poucas) que visam exclusivamente preparar os estudantes para o vestibular, pois para ele, a escola deve ter como objetivo primordial formar cidadãos conscientes e capazes conquistar uma vida digna e completa.

Inclusive, não é lógico ter como maior meta passar o máximo de conteúdos possíveis para que os estudantes de ensino médio possam entrar em uma universidade, pois, assim, entrarão despreparados no ensino superior. A não ser que o objetivo dessas escolas, em especial das particulares, seja usar os estudantes aprovados como marketing para atrair novos pagantes para a escola. Mas em casos assim, fica claro que a educação não é a prioridade.

Expandir o processo educativo para além do ensino em sala de aula é incentivá-los a produzir, a descobrir, explorar e construir um ambiente onde professores e bibliotecários se unam para proporcionar o ensino, a pesquisa, a busca e o uso de informações, o aprender a aprender. Assim, para Oligurski e Pachane (2010), o objetivo da pesquisa como princípio educativo na educação básica, não é construir conhecimentos novos, não é inovação científica e, sim, estimular, nos estudantes, uma aprendizagem ativa e questionadora na construção de conhecimentos em seu intelecto, é propiciar uma educação crítica e emancipadora.

4 METODOLOGIA

A pesquisa consistiu em analisar como as bibliotecas escolares participam da construção de competências em pesquisa nos estudantes de ensino médio na cidade de Fortaleza. O estudo é de caráter exploratório, pois, segundo Gil (2008), as pesquisas exploratórias buscam explicar sobre os conteúdos referentes a um determinado tema, para construir mais informações e hipóteses para futuras pesquisas sobre o assunto.

Para isso, foi inicialmente realizada uma pesquisa bibliográfica, que, conforme Gil (1994, p. 48), é uma pesquisa “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos.” Foi então realizado um levantamento de livros e artigos sobre a temática e buscou-se, nas referências das próprias fontes obtidas, outras leituras que poderiam ser importantes para os objetivos deste trabalho.

O estudo possui uma abordagem qualitativa, pois, de acordo com Gil (2008), é uma pesquisa que reflete sobre a realidade e pontos de vista dos respondentes, atribuindo significados às respostas e dados diversos obtidos na pesquisa. Foi utilizado a análise de conteúdo que é “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” (BARDIN, 1977, p. 31) Ou seja, é uma forma de desvendar criticamente as comunicações obtidas em pesquisa e tratar as informações compreendida nas mensagens. (BARDIN, 1977)

4.1 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados escolhido para ser utilizado para a realização da pesquisa foi o questionário, pois, no contexto da realização da pesquisa - durante a pandemia de COVID-19, onde as escolas estavam funcionando de formas diversas, ou seja, algumas funcionando presencialmente, outras apenas em ensino remoto e ainda outras em modelo híbrido - foi o que melhor se adequou.

O questionário consiste em uma técnica de interrogação para a obtenção de dados a partir de um conjunto de questionamentos apresentados a um grupo para identificar diversos aspectos deste. Os questionários podem ser apresentados por escrito aos respondentes ou podem ser aplicados oralmente pelo aplicador da pesquisa. O primeiro caso é chamado de questionário auto-aplicado, e este foi o modelo adotado para a presente pesquisa. (GIL, 2008)

A aplicação de questionários envolve vantagens que propiciaram sua escolha, como o fato de poder ser aplicado à distância e para uma gama maior de pessoas. (GIL, 2008). Nesse contexto de pandemia, tais aspectos foram considerados essenciais. Porém, Gil (2008) também apresenta algumas limitações dessa ferramenta, como a possibilidade de devoluções dos questionários sem estarem respondidos, que foi um problema enfrentado na pesquisa, pois como o contato com os estudantes e escolas foram exclusivamente on-line, muitos deixaram de dar retorno.

Na elaboração dos questionários, buscou-se gerar perguntas que atendessem aos objetivos da pesquisa, identificando o uso e as condições das bibliotecas escolares em escolas de ensino médio e houve uma mescla entre perguntas abertas e fechadas.

5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

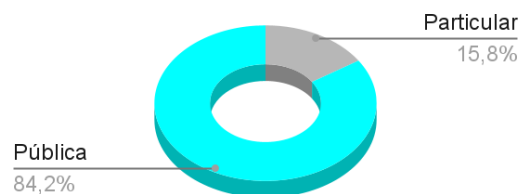
Os questionários foram aplicados entre os dias 10 de junho e 1 de julho de 2021, um pouco antes das escolas entrarem em férias ou recesso, por meio da ferramenta de testes e pesquisas on-line do Google, o Formulários Google. O link do questionário elaborado a partir do Formulários Google foi enviado em servidores do Discord e em grupos do Facebook voltados para estudos do ensino médio e do vestibular, especificando a cidade e os anos da escola que estão sendo pesquisados; e foram enviados, também, de forma direta, a algumas escolas de Fortaleza que possuem ensino médio, através de e-mail e redes sociais oficiais.

As redes sociais escolhidas para a divulgação do questionário, Facebook e Discord, comportam diversas categorias de grupos, o que facilitou o envio do link do questionário para pessoas mais específicas. O Facebook é uma rede social que é bastante utilizada e sua ferramenta de grupos é um de seus maiores pontos fortes. Já o Discord é mais conhecido por seu uso em chamadas de voz e vídeo durante partidas de jogos on-line, mas a ferramenta se expandiu e há servidores para nichos mais variados, incluindo o de estudos.

5.1 Análise de dados

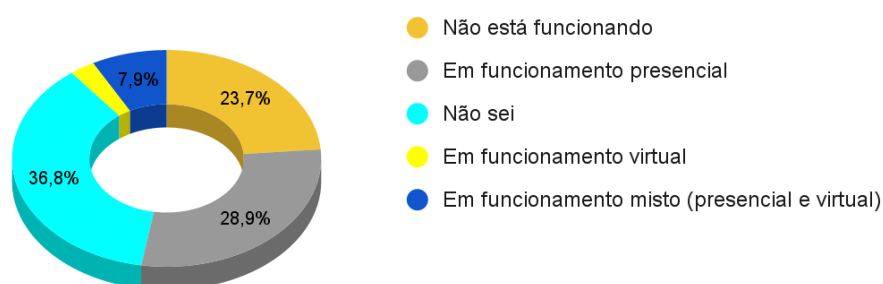
Os dados obtidos foram analisados na ferramenta, também pertencente ao Google, o Planilhas Google, devido à facilidade em migrar as perguntas e respostas do “Formulários Google” diretamente para uma planilha, devido a sua interoperabilidade nativa.

As perguntas que consistiam na pesquisa foram respondidas por 38 estudantes do ensino médio de diversas escolas de Fortaleza. Sendo que, dos 38 estudantes que responderam à pesquisa, 84,2% estudam em escolas públicas e 15,8% são de escolas privadas, mesmo que o questionário tenha sido enviado em igual proporção para ambos os modelos de escola.

Gráfico 1 - Alunos de escolas públicas e privadas

Fonte: dados da pesquisa

O questionário foi dividido em duas etapas, caso o aluno estudasse em uma escola que: a) não possuísse biblioteca ou b) que a escola tem uma biblioteca, porém, que esta não está em funcionamento; já seria encaminhado para o fim do questionário, pois as outras perguntas são direcionadas, exclusivamente, para o uso e condições das bibliotecas nas escolas.

Gráfico 2 - Situação de funcionamento das bibliotecas escolares pesquisadas

Fonte: dados da pesquisa

Nota-se que a maioria, 36,8%, dos respondentes não sabia como a biblioteca estava funcionando. Isso pode significar que a biblioteca em questão não estava, realmente, funcionando, por conta da situação da pandemia ou por falta de recursos, mas também pode evidenciar que a biblioteca estava funcionando, presencial ou virtualmente, ou ainda, de forma híbrida, mas que a informação não chegou aos estudantes. Essa falta de conhecimento pode ser reflexo da desvalorização da biblioteca escolar, que segundo Rosa (2014), priva os estudantes dos benefícios que elas podem trazer.

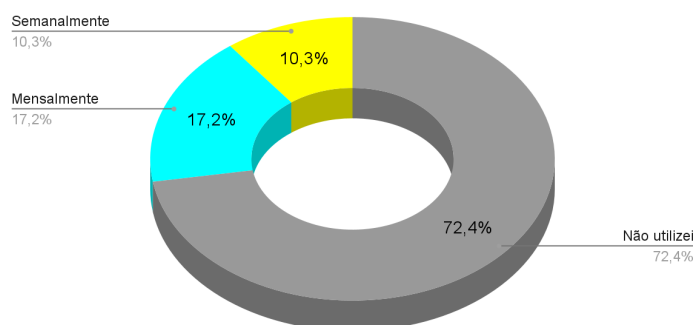
Apesar de nenhum estudante da amostragem ter respondido que não há biblioteca onde estuda, uma porcentagem considerável, um total de 23,7%, respondeu que a biblioteca

da escola não estava funcionando. Independente de ser por falta de recursos ou por conta da pandemia de COVID-19, fica perceptível como as bibliotecas escolares são as primeiras a “caírem” em tempos de crise.

5.2 Uso das bibliotecas no ensino médio

Dentre os 29 estudantes que avançaram para a segunda fase da pesquisa, ou seja, aqueles que não responderam que estudam em uma escola que: a) não possui biblioteca ou b) que tem uma biblioteca, porém, que esta não está em funcionamento; nota-se uma baixíssima utilização das bibliotecas escolares, como pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Frequência de utilização das bibliotecas escolares nos últimos 12 meses



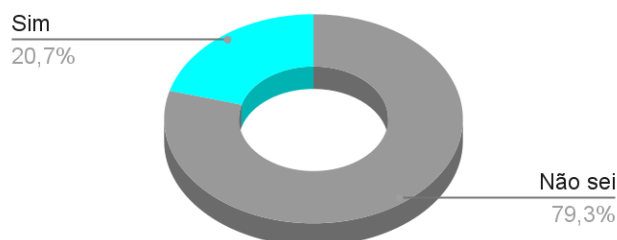
Fonte: dados da pesquisa

A pergunta pedia que os estudantes respondessem se haviam utilizado a biblioteca da sua escola nos últimos 12 meses, seja para empréstimo de materiais, participação em eventos, busca por informações, etc.; e é alarmante que a maioria, 72,4% dos respondentes, não utilizou nem uma única vez. Enquanto isso, apenas 17,2% utilizaram mensalmente e, menos ainda, 10,3%, utilizaram semanalmente. Segundo Boto e Braz (2017), as bibliotecas devem ser organismos dinâmicos e atrativos; que devem ser pensadas para serem utilizadas diariamente. Porém, na pesquisa, a opção de uso diário da biblioteca não foi assinalada por ninguém. Esses números podem indicar uma desvalorização das bibliotecas escolares. É importante que a escola busque entender a razão de estes estudantes não serem assíduos neste

espaço.

Dois fatores que podem facilitar o sucesso de uma biblioteca escolar em ser um local cativante são: um acervo de qualidade e um profissional preparado. (CALDIN, 2005) Em relação ao segundo fator, foi perguntado aos estudantes se a pessoa responsável pela biblioteca escolar é um bibliotecário formado em Biblioteconomia ou outro profissional, ao que 79,3% responderam que não sabiam e apenas 20,7% responderam haver sim um bibliotecário formado.

Gráfico 4 - Bibliotecários formados atuando na biblioteca escolar



Fonte: dados da pesquisa

O alto número de alunos que responderam não saber se há ou não um bibliotecário à frente da biblioteca pode ser justificado pelo fato de muitos alunos não saberem da existência do curso de Biblioteconomia, como pode ser observado nas respostas que alguns estudantes deram ao serem questionados sobre o que eles pensam da importância de um bibliotecário formado na área atuando na biblioteca escolar:

“Eu não sabia nem que isso existia” (Respondente 9)

“Não sei, porque nunca tive contato com um” (Respondente 10)

“Eu nem sabia que existia isso até responder isso aqui. Mas deve ter sua importância né, se existe” (Respondente 27)

“Não sabia que tinha curso p isso” (Respondente 36)

Podemos observar, então, que a falta de bibliotecários em bibliotecas escolares aumenta não só a desvalorização das bibliotecas em si, como também a desvalorização de toda uma profissão, pois não se pode valorizar aquilo que não se vê, aquilo que não se conhece. (ROSA, 2014)

Mesmo com o descrédito com a profissão e com o curso de Biblioteconomia, alguns alunos deram respostas afirmando ser, sim, importante a presença de um profissional qualificado na área para atuar na biblioteca:

“Sim. Ajudaria bastante as pessoas, incentivando e criando vínculos entre alunos e professores, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem, e priorizar a educação no ambiente escolar, para o desenvolvimento de competências na busca e uso da informação.” (Respondente 18)

“Sim pois ele tem todo o entendimento pra tira as duvidas” (Respondente 19)

“Sim pois ele pode dar mais dicas, sabendo exatamente do que esta falando.” (Respondente 20)

“Sim, pelo fato de ser um profissional torna o ato de ir à biblioteca mais organizado.” (Respondente 33)

Foi perguntado, também, para caso respondessem que não existe um bibliotecário formado na escola, qual profissional estaria à frente da biblioteca escolar. Apesar de ninguém ter respondido que não tem um bibliotecário, alguns dos que assinalaram a alternativa “não sei” responderam:

“Professores de português é linguagem” (Respondente 30)

“Acho que é professora” (Respondente 36)

Demonstrando, assim, que em espaços, que deveriam estar sendo ocupados por

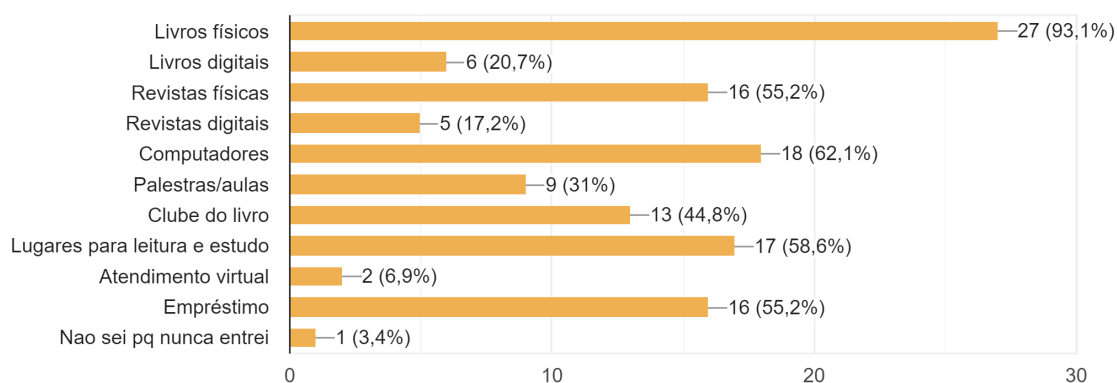
bibliotecários, estão sendo colocados profissionais de outras áreas de atuação. Ao tratar sobre os obstáculos para a formação de leitores nas escolas, Boto e Braz (2017), apontam a falta de um profissional próprio a frente das bibliotecas - e de suas atividades e gerência do espaço - como um dos principais fatores. Nunes e Santos (2020) ressaltam que a profissão de bibliotecário é importante para a formação de leitores e no desenvolvimento de competências informacionais; que bibliotecários são importantes agentes de transformação social.

Já em relação aos recursos das bibliotecas, foi perguntado de quais recursos a biblioteca da escola onde estudam dispõe.

Gráfico 5 - Recursos disponíveis da biblioteca escolar

De que recursos dispõe a biblioteca de onde você estuda?

29 respostas



Fonte: dados da pesquisa

Nota-se que o foco das bibliotecas escolares é possuir livros físicos. Porém, é espantoso que apenas 55,2% das respostas apontem para a possibilidade de pegar livros emprestados da biblioteca. Este dado abre margem para questionar as condições de funcionamento dessas bibliotecas, se os livros ficam retidos ou se são apenas para consulta local. É positivo observar que há diversos tipos de fontes de informação disponíveis, ainda que em quantidade menor se comparado com os livros físicos.

Já em relação aos recursos que os estudantes gostariam que as bibliotecas disponibilizassem, alguns estudantes responderam que já estão satisfeitos com o que as bibliotecas oferecem, porém, há outros que sentem necessidade de mais recursos tecnológicos e livros mais voltados para o público adolescente:

“Computadores” (Respondentes 9 e 11)

“Livros online. Eu amo ler online e seria bem interessante ter esse recurso” (Respondente 27)

“Livros atualizados de todos os gêneros” (Respondente 25)

“livros de fantasia tipo da sara j. maas” (Respondente 35)

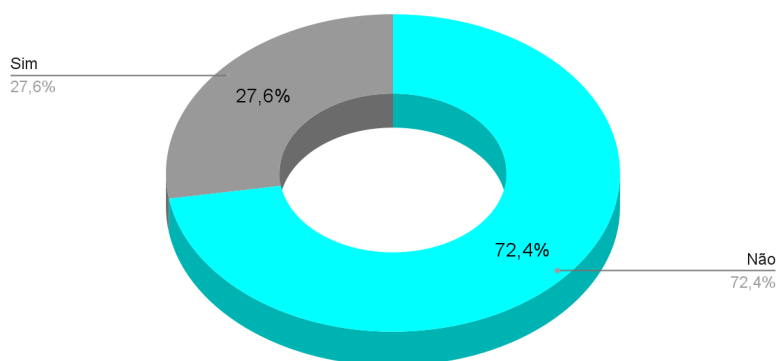
“Mais livros atuais e que adolescentes gostam.” (Respondente 38)

Percebe-se, então, que os estudantes sentem falta de mais recursos eletrônicos e livros atuais e atrativos para adolescentes. É indiscutível que as bibliotecas escolares devem possuir em seu acervo livros didáticos, literatura clássica e obras mais voltadas ao conteúdo escolar em geral, porém não se pode deixar de lado a importância da biblioteca escolar como um instrumento de cultura e lazer, o que tornam necessários livros infanto-juvenis, livros para jovens e obras que estão em alta no momento, pois, assim, aumentará o interesse dos estudantes na utilização da biblioteca e na leitura. Incluir nas bibliotecas recursos que atendam não apenas o aspecto educacional, mas também, o de cultura e lazer, é algo reforçado por Ranganathan nas cinco leis elaboradas para a Biblioteconomia

Os livros são para usar;
A cada leitor seu livro;
A cada livro seu leitor;
Poupe o tempo do leitor;
A biblioteca é um organismo em crescimento. (RANGANATHAN, 2009, np)

Há também, nas bibliotecas, a necessidade de ampliar seus aparelhos eletrônicos, pois é comum que os estudantes desta geração possuam acesso a tecnologias desde muito cedo, o que faz com quem eles tenham facilidade com tais meios e que os utilizem com frequência e gosto para desempenhar suas atividades.

Durante a vida escolar, a biblioteca da escola é a principal ao acesso dos estudantes, como o gráfico abaixo mostra, apenas 27,6% dos respondentes utiliza bibliotecas fora do ambiente escolar. O que mostra que as bibliotecas escolares devem ter produtos e serviços em quantidade e qualidade o suficiente para suprir as necessidades dos estudantes que não podem - ou não querem - utilizar outras bibliotecas no momento.

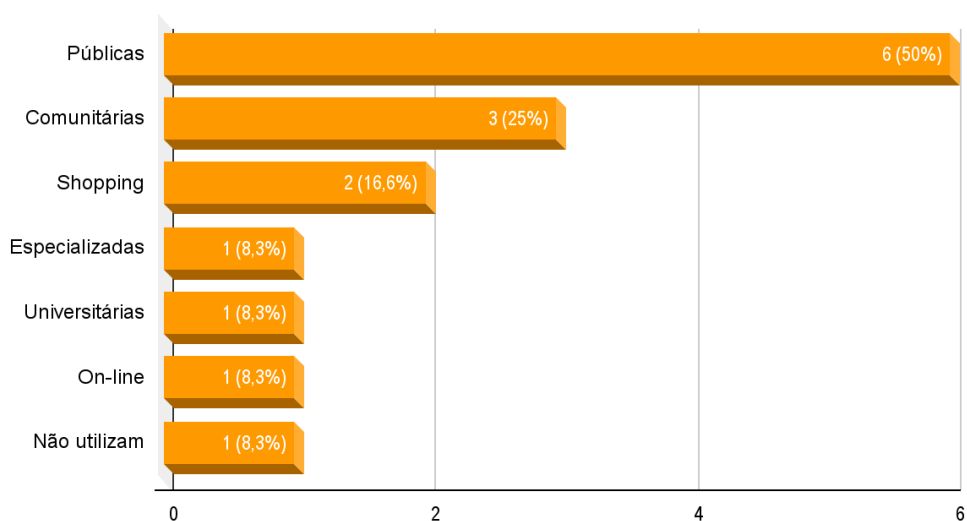
Gráfico 6 - Uso de bibliotecas fora das escolas

Fonte: dados da pesquisa

Das bibliotecas mais utilizadas pelos estudantes, fora da escola, as públicas foram as que mais se destacaram, com 50% dos respondentes; seguidas pelas comunitárias, com 25% das respostas. Bibliotecas públicas e comunitárias são de acesso mais livre à comunidade, sendo muito importante para construir o gosto pela leitura e pela cultura. Os estudantes incluíram, entre as opções, acervos de shoppings, que não são propriamente bibliotecas, mas quando se está em uma sociedade que considera qualquer amontoado de livros como biblioteca, faz sentido a inclusão. Foram inclusos também acervos digitais.

Gráfico 7 - Categorias de bibliotecas utilizadas fora do ambiente escolar

Se sim, quais categorias de biblioteca você utiliza?



Fonte: dados da pesquisa

A biblioteca escolar é a principal para a maioria dos respondentes, por isso devem ser completas e atender às necessidades dos usuários. Uma biblioteca escolar de qualidade pode até mesmo aumentar o interesse dos estudantes em frequentar outros tipos de biblioteca fora do ambiente da escola.

5.3 Leitura para os alunos do ensino médio

A biblioteca escolar é um espaço essencial para a construção de competências, para o gosto pela cultura e para desenvolver o hábito da leitura; a leitura não é para ser o único foco das bibliotecas escolares, mas, sim, desenvolver, na comunidade escolar, o gosto e o hábito de ler, é um de seus pilares. Isso é reforçado por Nunes e Santos (2020), quando dizem que desenvolvimento de leitores é imprescindível para a formação de jovens com capacidade de pensamento crítico e reflexivo e com competências de comunicação, observação e construção de conhecimentos.

Quando questionados se consideravam importante o hábito da leitura, os estudantes responderam que:

“Sim, considero muito importante, pq o hábito da leitura ajuda em diversas áreas do aprendizado, como interpretação de texto, dicção e ect” (Respondente 2)

“sim. O hábito de ler melhora o vocabulário dos leitores, influência e inspira as pessoas a mudar e criar suas próprias ideias.” (Respondente 18)

“Sim, por meio da leitura que podemos obter conhecimento” (Respondente 28)

“Claro. Adquirimos um bom repertório cultural através dela.” (Respondente 32)

“Sim, não tenho o hábito, mas é bom para aprender melhor.” (Respondente 37)

Todos os respondentes disseram que consideram importante o hábito de ler, até mesmo os que relataram não possuir esse hábito. Tendo em vista a importância da leitura no nosso cotidiano e da formação de leitores assíduos durante a escola, foi perguntado aos alunos se a biblioteca da escola onde estudam incentiva o hábito de ler e foi relatado que:

“SIM, FAZ ATÉ PREMIAÇÃO PARA OS ALUNOS QUE MAIS ALUGOU LIVROS DURANTE O ANO.” (Respondente 6)

“Sim, pois as vezes o condutor da biblioteca vai nas salas.” (Respondente 15)

“sim. Há uma diversidade de livros que chama a atenção dos jovens hoje em dia. Na nossa biblioteca temos muitas opções de leitura, fora os projetos que a biblioteca faz para incentivar pessoas a lerem mais.” (Respondente 18)

“Sim, fazem atividades com livros da biblioteca” (Respondente 21)

“Sim, lá tem muitos livros e é confortável” (Respondente 38)

A maioria dos estudantes disse que a biblioteca incentiva a leitura, dos quais alguns focam mais nos aspectos físicos, ou seja, no acervo e no ambiente, enquanto outros reforçam que programas, atividades e a presença da biblioteca em outros espaços da escola, são o que incentivam os alunos à leitura. No entanto, alguns responderam negativamente,

como pode ser observado nas falas abaixo:

“Não, ela passa despercebida por muitos alunos pois não há o incentivo à leitura.”
(Respondente 33)

“não incentiva, deixa os alunos á vontade” (Respondente 34)

A partir dessas respostas, é possível considerar que algumas bibliotecas não buscam cativar os estudantes a utilizá-las, que apenas disponibilizam o acervo, mas não realizam programas e atividades para envolver o corpo escolar na leitura. Fica assim, notável que, infelizmente, algumas bibliotecas escolares não se empenham em participar da estrutura da instituição educacional. Assim, foi perguntado aos alunos se eles enxergavam a biblioteca escolar como uma participante ativa nas atividades e eventos realizados pela escola, ao que eles responderam que:

“Não, não teve nenhum evento relacionado a biblioteca” (Respondente 9)

“Não, pois como já havia dito a biblioteca passa despercebida por boa parte dos integrantes da escola a não ser por utilização dos computadores.” (Respondente 33)

“Não sei dizer, não vejo muitas coisas da biblioteca.” (Respondente 37)

“Sim, antes da pandemia tinha vários eventos e agora ajuda a passar os comunicados da escola.” (Respondente 38)

Podemos interpretar que há bibliotecas que participam ativamente da vida escolar num todo elaborando atividades, estimulando a leitura e mostrando que estão na escola e que estão prontas para receber seus usuários; enquanto outras não fazem questão de sair do *status* de “depósito de livros”, portanto, não fazem questão de serem lembradas.

5.4 A prática de pesquisa no ensino médio

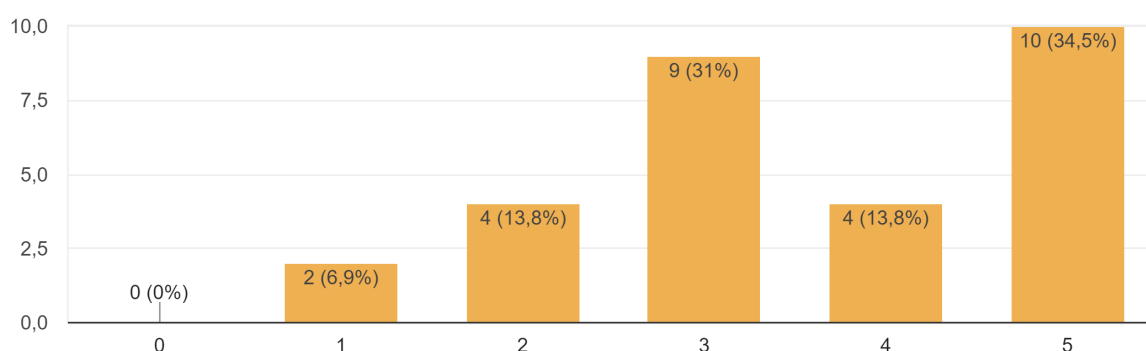
A pesquisa possibilita uma perspectiva observadora e crítica em relação às informações e conhecimentos, por isso, ela deve ser incentivada desde o ensino básico. A biblioteca, como espaço ideal para a busca e uso de informações, deve ser uma aliada ativa da escola para propiciar todo o suporte possível no processo de pesquisa escolar.

Por poder ser considerada uma ótima estratégia de aprendizagem mais ativa, e não algo passivo, como só assistir aulas e fazer cópias, a pesquisa escolar não é tão simples; são necessárias habilidades em pesquisa, acesso às variadas fontes de informação, que também sejam confiáveis, e saber como utilizá-las; aspectos importantes que podem ser facilitados com o acesso a uma biblioteca escolar ativa, participante do processo de aquisição de informações e conhecimento (ABREU, 2002). Então, perguntou-se aos estudantes como eles avaliavam a contribuição da biblioteca escolar para a aprendizagem, dando uma escala de 0 a 5, onde 0 significava que não contribuía de forma alguma e 5 quer dizer que contribuía muito na aprendizagem. O gráfico com as respostas dos estudantes ficou desta forma:

Gráfico 8 - Contribuição da biblioteca escolar na aprendizagem

Em uma escala de 0 a 5, como você avalia a contribuição da biblioteca escolar para sua aprendizagem?

29 respostas



Fonte: dados da pesquisa

Quando perguntado aos estudantes que avaliaram positivamente como as bibliotecas escolares contribuem com sua aprendizagem, eles responderam que:

“FACILITANDO O ACESSO AO MUNDO” (Respondente 6)

“com a disponibilização de conteúdo e material didático.” (Respondente 18)

“Tirando duvidas” (Respondente 19)

“Tem muitos livros de escola e de literatura.” (Respondente 38)

A contribuição das bibliotecas escolares para o aprendizado dos estudantes que responderam à pergunta pode ser resumida em disponibilização de materiais e atendimento ao usuário, com auxílio na busca por informações e esclarecimento de dúvidas. Apenas dispor de materiais informacionais não faz de uma biblioteca um local que participa do aprendizado, é importante também, saber se as informações foram compreendidas, se alcançaram seu objetivo; é imprescindível a interação com o corpo docente e discente, conhecer as necessidades dos usuários e como auxiliá-los a acessar e utilizar as informações. (SALES, 2004)

Ainda de acordo com Sales (2004), não há como formar opiniões e desenvolver pensamento crítico sem informações de qualidade, mas que, além disso, é importante ensinar a buscar e utilizar informações, o que pode ser feito através da pesquisa escolar.

Para que a educação não seja mera repetição passiva de conteúdos, e sim um processo emancipatório, a pesquisa é necessária. (DEMO, 2007) Foi realizada, assim, a pergunta “como você enxerga os trabalhos escolares que envolvem a realização de pesquisa?”, para entender a visão dos estudantes do ensino médio sobre isso. Segue abaixo algumas das respostas:

“são bastante essenciais para desenvolver competências e aprender a lidar com grande quantidade de informações e aprender a transforma-las em conhecimento.” (Respondente 18)

“Muito bom pois precisamos participar e sempre contamos com o apoio da biblioteca” (Respondente 19)

“Muitas das vezes serve para eu entender melhor um assunto” (Respondente 27)

“não gosto, mas faço” (Respondente 36)

“Muito interessantes, mas trabalhosos.” (Respondente 38)

Já em relação aos recursos utilizados para a realização de pesquisas escolares, temos o gráfico a seguir:

Gráfico 9 - Recursos para pesquisas escolares

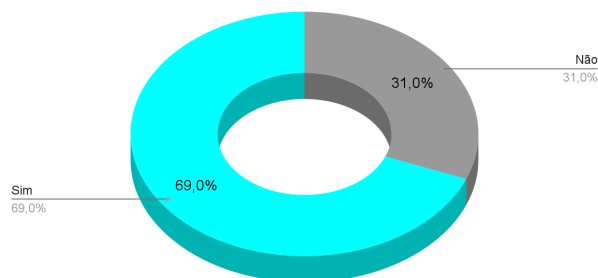


Fonte: dados da pesquisa

O resultado obtido com essa pergunta corresponde com Moro e Estabel (2011), quando dizem que a internet é uma das principais fontes de informação, pois esta ferramenta permite o acesso a diversos tipos de informações com maior facilidade, o que não quer dizer que elas sejam confiáveis. Assim, para fazer pesquisas com o auxílio da internet necessitamos de estratégia e do estabelecimento de critérios de qualidade das fontes, e, para isso, professores, em conjunto com os bibliotecários, devem estar presentes. Mas será que os estudantes utilizam a biblioteca e seus recursos para a realização de pesquisas e atividades em geral solicitadas em aula? Isso foi perguntando para os estudantes e as respostas são

representadas pelo gráfico a seguir:

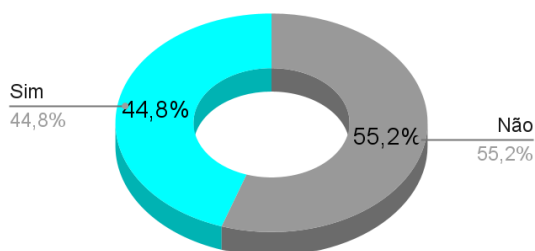
Gráfico 10 - Avalia se os estudantes já utilizaram os recursos da biblioteca para a realização de pesquisas e atividades solicitadas pelo professor



Fonte: dados da pesquisa

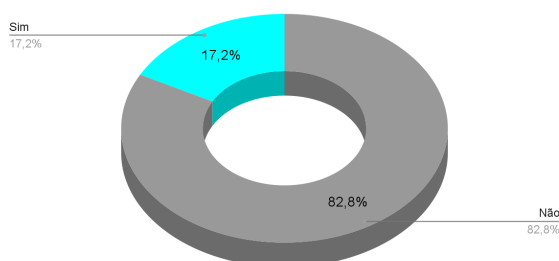
Os bibliotecários devem se apropriar de seu papel de orientar os estudantes na realização de pesquisas escolares para, em conjunto com os professores, preparar os discentes para os próximos degraus da vida estudantil. O gráfico 11 é relativo à pergunta “Já buscou ajuda do bibliotecário ou de outro funcionário da biblioteca para realizar pesquisas e atividades solicitadas pelos professores?”; já o gráfico 12 avalia se os alunos tiveram alguma palestra/aula na biblioteca sobre como realizar pesquisas:

Gráfico 11 - Avalia se os respondentes já buscaram auxílio do bibliotecário ou de algum outro funcionário da biblioteca



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 12 - Avalia se os alunos tiveram alguma palestra/aula na biblioteca sobre como realizar pesquisas



Fonte: dados da pesquisa

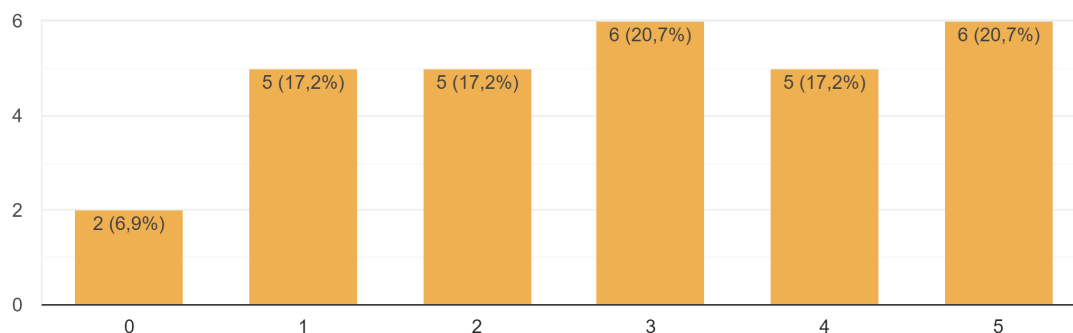
Verifica-se que as bibliotecas das escolas cujos estudantes responderam ao questionário, em grande parte, 82,8%, não realizam palestras, aulas ou qualquer categoria de evento relacionado à pesquisa. Isso foi questionado, pois, tais práticas poderiam servir de guia para os estudantes estruturarem seus trabalhos escolares e evitarem fontes não confiáveis e/ou plágio. Em relação à busca por auxílio com bibliotecário ou outro funcionário da biblioteca, tendo em vista que infelizmente nem toda biblioteca conta com um bibliotecário, pode-se questionar qual razão leva a 55,2% dos respondentes nunca buscarem tal amparo. Será que não sabiam que podem pedir apoio à biblioteca? Será que as bibliotecas nunca se mostraram como ponto de auxílio à pesquisa? Será que os estudantes não foram incentivados a utilizar a biblioteca durante atividades escolares?

A próxima pergunta buscou avaliar se os professores incentivam os estudantes a utilizarem os recursos disponíveis na biblioteca ao solicitarem pesquisas e atividades. Solicitamos isso, pois Nunes e Santos (2020) realçam a necessidade de uma parceria forte entre professores e bibliotecários, sendo que, os primeiros devem incentivar a frequência dos estudantes à biblioteca, pois o contato professor e estudantes é diário e mais duradouro. O resultado está representado pelo gráfico 13, que avalia em uma escala de 0 a 5 o quanto os professores incentivam o uso da biblioteca da escola, onde 0 quer dizer que não incentivam de forma alguma e 5 significa que estimulam sempre o uso das bibliotecas ao solicitarem trabalhos e pesquisas:

Gráfico 13 - Identifica se os professores incentivam os estudantes a frequentarem a biblioteca da escola ao solicitarem pesquisas e atividades

Em uma escala de 0 a 5, quanto os professores o incentivam a utilizar os recursos da biblioteca ao solicitar atividades ou pesquisas?

29 respostas



Fonte: dados da pesquisa

Apenas 20,7% dos estudantes assinalaram o máximo, mas analisando o gráfico num todo, pode-se dizer que há algum incentivo por parte dos professores, o que deve ser não só mantido, como ampliado, pois a parceria entre professores e bibliotecários amplia os bons resultados escolares.

Por fim, foi perguntado para os estudantes o que eles julgavam ser importante em uma biblioteca escolar, pois, já que eles são os usuários, o que eles necessitam deve ser considerado, e algumas das respostas obtidas foram:

“Tendo livros de qualidade e atualizados” (Respondente 15)

“Acredito que organização. Quanto mais organizado e pratico, mais sinto ser convidativo” (Respondente 19)

“Livros de vários assuntos, não só sobre a escola ou estudos” (Respondente 28)

“Serem mais interessantes” (Respondente 37)

Fica explícito assim, que os estudantes necessitam de materiais mais atuais, para estudo e lazer; além de um espaço mais atrativo, ou seja, as bibliotecas escolares devem convidar os estudantes para sua utilização, precisam se expor mais e mostrar que funções

podem desempenhar na escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tratou sobre a importância da biblioteca escolar na estrutura da instituição e no desenvolvimento de competências informacionais e de pesquisa em alunos do ensino médio. A fase final do ensino básico é também momento de muitas mudanças e aumento de responsabilidades na vida pessoal e escolar dos estudantes, geralmente adolescentes. A responsabilidade aumenta também na elaboração de trabalhos escolares que envolvem pesquisa, isso porque, quando se entra no ensino médio, se torna ainda mais inadmissível atitudes como plágios. Então, a biblioteca deve trabalhar em parceria com a escola e com os professores, com o intuito de buscar a melhoria na forma como os alunos consomem informações e realizam pesquisas no âmbito escolar.

A temática foi pensada por conta das dificuldades comumente encontradas em estudantes recém-saídos do ensino médio e que acabaram de ingressar no ensino superior ao realizar trabalhos e pesquisas acadêmicas, pois não possuíam preparo para realizar tais atividades vindo de um ensino básico sem a devida estrutura que propiciasse discussões sobre a pesquisa. Pensou-se então, na hipótese de que, caso houvesse uma biblioteca ativa na escola e que o bibliotecário trabalhasse em conjunto com os professores da instituição, esse preparo para a pesquisa pudesse ser facilitado e incentivado. O que pode ser entendida como confirmada, pois muitos estudantes responderam que a biblioteca tem contribuição em seu aprendizado e disponibiliza fontes para pesquisa.

Os objetivos geral e específicos pensados para a realização desse trabalho foram desempenhados a partir da pesquisa aplicada em estudantes do ensino médio de escolas de Fortaleza, cujas respostas auxiliaram a compreender algumas das dificuldades encontradas em utilizar a biblioteca, em encontrar fontes de informação e na realização de pesquisas escolares.

O objetivo geral proposto foi o de analisar a percepção dos alunos do ensino médio em relação ao papel da biblioteca escolar no desenvolvimento das competências em pesquisa, esse pode ser considerado como cumprido, pois, a partir de pesquisa bibliográfica e do questionário aplicado em estudantes de ensino médio da cidade de Fortaleza, notou-se que a biblioteca escolar, quando ativa e participante, contribui no desenvolvimento estudantil, e na construção de competências, porém, ainda necessitando de ampliação em ações para maior visibilidade e valorização.

O primeiro objetivo específico foi discutir a relevância da biblioteca escolar no desenvolvimento de competências voltadas à pesquisa científica na educação básica. A relevância da BE, pôde ser identificada a partir dos dados obtidos na pesquisa com os estudantes, já que foi mencionado pelos alunos que, em algumas bibliotecas escolares, há a realização palestras/aulas sobre como fazer pesquisas e estruturar trabalhos escolares, além do fato de que as BE são espaços que possibilitam o acesso a variadas fontes informacionais, como pode ser observado nas respostas do questionário, que identificaram que as bibliotecas pesquisadas possuem livros físicos e digitais, revistas, computadores, entre outros recursos.

O segundo objetivo específico proposto foi de identificar as dificuldades dos alunos do ensino médio em visualizar a biblioteca escolar como ferramenta para desenvolver trabalhos escolares. Essas dificuldades foram identificadas em análise de respostas dos estudantes que preencheram o questionário, onde se constata que, a maioria dos respondentes, não utiliza a biblioteca escolar e que o uso de fontes de informação é, em maior parte, voltada para a internet, ou seja, fazem pesquisas na internet sem auxílio da biblioteca e do profissional responsável por ela, sem direcionamentos sobre uso de fontes de informação e sobre pesquisa, o que pode gerar, por exemplo, erros e plágio, algo que seria inaceitável em pesquisas científicas.

O último objetivo proposto foi de analisar a percepção dos estudantes em relação à atuação da biblioteca escolar. No decorrer do referencial, pôde-se observar que a biblioteca escolar não é um espaço que recebe seu devido valor nas instituições de ensino. A mídia e a literatura muitas vezes propagam esteriótipos em relação a bibliotecas e do que é e do que faz um bibliotecário que não são benéficos à instituição e a profissão, pois não mostram a realidade e afastam potenciais usuários da biblioteca e faz com que evitem buscar auxílio com bibliotecários. A partir dos questionários foi constatado que as bibliotecas muitas vezes são subutilizadas pelos estudantes e que há um desconhecimento em torno da função das bibliotecas e como elas podem auxiliar os usuários.

O questionário utilizado na realização deste trabalho foi aplicado do dia 10 de junho até 1 de julho de 2021 e, apesar de 38 estudantes terem respondido, houveram algumas limitações, como o fato dessa etapa do trabalho ter sido realizado em plena pandemia de COVID-19, o que dificultou o contato com os alunos, já que todo o contato se deu de forma virtual, o que também gerou uma menor amostra da população estudada.

Então, pode-se entender que as bibliotecas escolares são importantes aliadas no desenvolvimento do hábito de leitura, em competências de busca e pesquisa. É um espaço subutilizado e, até mesmo, desvalorizado e invisível em diversas instituições de educação básica, mas que tem um enorme potencial de preparar os estudantes para outras etapas da vida estudantil, como também da vida pessoal e profissional. Uma parceria entre bibliotecários, professores, coordenadores e diretores seria de suma importância para uma educação completa e eficiente, já que a interconexão entre esses profissionais poderia remodelar e integrar conhecimento e informação, trazendo outras perspectivas e possibilidades para os estudantes daquela escola.

Devido à extensão do tema e às mudanças tecnológicas e informacionais que têm modificado tanto as áreas de Educação e Biblioteconomia, fica claro que este tema ainda tem muito para ser explorado e que este trabalho é apenas a parte de um todo a ser explorado, discutido e posto em prática. Necessitamos que a interdisciplinaridade visível entre as áreas seja constantemente mais discutida de modo a trazer maior visibilidade para a biblioteca escolar, para o bibliotecário e para a educação básica. Assim, poderemos transformar mais vidas a partir de uma educação mais plural e significativa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Pesquisa escolar. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 61p.

ALBUQUERQUE, Érika Fabíola de Araújo Ribeiro. et al. Mudança no ensino médio no Brasil atual. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 2, n. 19, p. 1-18, maio 2020. ISSN 2447-1801. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/9031>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ALVES, Ana Paula Meneses. **Competência informacional e o uso ético da informação na produção científica: o papel do bibliotecário na produção intelectual no ambiente acadêmico**. 2016. 287 f. Tese - (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 11-23. (Práticas pedagógicas ; 3)

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential Committee on Information Literacy: Final report**. Chicago, 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 27 dez. 2020

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola o que é e como se faz**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BELLUZZO, Regina Celia Baptista. Competência em informação: vivências e aprendizados. In: BELLUZZO, Regina Celia Baptista; FERES, Glória Georges (Org.). **Competência em informação: de reflexões às lições aprendidas**. São Paulo: FEBAB, 2013.

BORGES, J. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 1, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/38289>. Acesso em: 08 jun. 2020.

BOTO, Karolinne de Santana Boto Santana; BRAZ, Márcia Ivo. Práticas de incentivo à leitura para o público adolescente: um estudo sobre os best-sellers infanto-juvenis. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 670-690, dez. 2017. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/878>. Acesso em: 25 abr. 2020.

BRASIL. LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. LEI No 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.** Brasília, 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. Acesso em: 10 nov. de 2020.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em: 18 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. **Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 18 jul. 2020

BRASIL. Lei n.º 9394 de 23 de dezembro 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Brasília, 1997.

BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação:** dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 04 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Altera as Leis n º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.** Brasília, DF: Presidência da República, [2017]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. Resolução CNE Nº 3 DE 21 DE NOVEMBRO DE 2018. **Atualiza as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio.** Brasília, DF publicada no DO de 22/11/2018, Seção 1, pp 21-24. Brasília, 22 de novembro de 2018a.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar Reflections concerning school librarian paper p. 163-168 . **Revista ACB**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 163-168, jan. 2005. ISSN 1414-0594. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>. Acesso em: 15 jul. 2020.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 61 p.

CAMPELLO, Bernadete. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 2, n. 2, jul. 2007. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/18>. Acesso em: 13 jul. 2020.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, Dec. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 Jul. 2020.

CAMPELLO, Bernadete. Perspectivas de letramento informacional no Brasil. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, v. 29, p. 184-208, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/10470/12426>. Acesso em: 4 jul. 2020.

CAMPOS, Cláudia de Arruda; BEZERRA, Maria de Lourdes Leandro. Bibliotecas escolares: um espaço estratégico. In. GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p. 53 - 60. (Práticas pedagógicas ; 3)

CASTRO, C. A. PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO: PERFIS E ATITUDES DESEJADAS. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10, n. 1, 1 jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/346/268>. Acesso em: 15 jul. 2020.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8.ed. Campinas: Autores associados, 2007. 130 p. (Coleção educação contemporânea)

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011. 120p. (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola, ; v.14)

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Usos e usuários da informação**. São Carlos: EdUFSCAR, 2004.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA para a Biblioteca Escolar**. 2. ed. 2015. 80 p. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2020.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2000. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2020.

FLEURY, M.T.L.; FLEURY, A. **Construindo o conceito de competência**. RAC, edição especial, p.183-196, 2001

FRAGOSO, Graça Maria; DUARTE, Rogério. Livro, leitura, biblioteca...uma história sem fim. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, p. 166-170, 2003/2004. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/383>. Acesso em: 07 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9.ed. São Paulo: Editora paz e terra, 1998. (Coleção leitura)

GARCEZ, Eliana Fioravante. O bibliotecário nas escolas: uma necessidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.1, p.27-41, jan./jun., 2007. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/492/633>. Acesso em: 13 nov. 2020

GARCIA, Edson Gabriel (Coord). **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Sociedade da aprendizagem: informação, reflexão e ética. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p.35-40, set./dez. 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/582/527>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Centro de Recursos de Aprendizagem: biblioteca escolar para o século XXI. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n. 1, p. 138-154, 4 jan. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1656/1640>. 23 de mar. 2020.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional** : pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL. **Retratos da leitura no Brasil**. 5.ed. [São Paulo]: IPL, 2020. 153 p. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 2 out. 2020.

KRAWCZYK, Nora. **O ensino médio no Brasil**. São Paulo : CENPEC, 2009. (Em questão, v.6.)

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1998. p. 9-14.

LIMA, José Fernandes de. Ensino médio: Identidade, finalidade e diretrizes. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 57-68, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/47/44>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MORAES, R. B. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 1979.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL Lizandra Brasil. Estratégias de busca através das tecnologias de informação e de comunicação para auxiliar professores e alunos no processo da pesquisa escolar. In. MORO, Eliane Lourdes da Silva. et al. (Org.). **Biblioteca escolar: presente!** Porto Alegre: Evanagraf, 2011.

NASCIMENTO, A. M. R. DO; GASQUE, K. C. G. D. Novas tecnologias, a busca e o uso de informação no ensino médio. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 27, n. 3, 24 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32992/18980>. Acesso em: 02 abr. 2020.

NERY, Alfredina. Biblioteca escolar: um jeito de ajeitar a escola. In. GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 53 - 60. (Práticas pedagógicas ; 3)

NOSELLA, Paolo. Ensino médio: em busca do princípio pedagógico. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 32, n. 117, p. 1051-1066, dez. 2011 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000400009&lng=pt&nrm=iso. acessos em 29 jul. 2020.

NUNES, Martha Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em Ciências da Informação**, [s.l.], v.25, n. 2, p. 3-28, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/d8qjjXtVvK3FzRTXJfRg7Pd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jun. 2021.

OLIGURSKI, Eliana Maria; PACHANE, Graziela Giusti. A possibilidade de incorporar a pesquisa na prática cotidiana do professor do ensino fundamental. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 26, n. 2, p. 249-275, Aug. 2010 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 09 Dez. 2020.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

POZO, Juan Ignacio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. In: **Revista Pátio**. Ano VIII – Nº 31- Educação ao Longo da Vida - Ago./ Out. 2004. Disponível em: http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=386. Acesso em: 07 out. 2020

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Brique de Lemos Livros, 2009. 336 p.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. 3. ed. Mediação, 2012.

RODRIGUES, Luis Fernando Medeiros. As “livrarias” dos Jesuítas no Brasil colonial, segundo os documentos do "Archivum Romano Societatis Iesu". **Cauriensia**, Vol. 6, 2011. Disponível em: <http://dehesa.unex.es/handle/10662/2483?locale-attribute=pt>. Acesso em: 07 out. 2020

ROSA, Rosemar. Interação entre bibliotecários e professores: valorização da biblioteca no contexto escolar. In. Rosa, Rosemar; ESTEVAM, Humberto Marcondes; BESSA, José Antonio (Org.). **A Biblioteca no Contexto Escolar**. Uberaba: IFTM, 2014.

SALES, Fernanda de. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 40-57, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p40>. Acesso em: 9 jun. 2021.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 50-61, jun. 2010. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132>. Acesso em: 10 out. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017. 280 p.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 489-517, jul./dez., 2011. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/797>. Acesso em: 10 out. 2020

SILVEIRA, É. S.; RAMOS, N. V.; VIANNA, R. B. V. O “novo” ensino médio: apontamentos sobre a retórica da reforma, juventudes e o reforço da dualidade estrutural. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 20, n. 43, p. 101-118, jan./abr, 2018. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3992>. Acesso em: 08 ago. 2020.

SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues; SCHERCHER, Eroni Kern; NEVES, Iara Conceição Bitencout. **Ativando a biblioteca escolar**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1993.

SOARES, Marisa. **A prática da pesquisa no ensino superior: a iniciação científica como mediação da aprendizagem significativa**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Nove de Julho. São Paulo, p. 143, 2016.

VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional do profissional da informação bibliotecário: construção social da realidade. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**

Florianópolis, v. 12, n. 24, p. 59-71, Dez. 2007. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n24p59>. Acesso em:
21 Jul. 2020.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Information literacy - historical and conceptual bases: constructing meanings. **Ci. Inf., Brasília** , v. 38, n. 3, p. 130-141, Dez. 2009. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652009000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 Dez. 2020.

APÊNDICE A– QUESTIONÁRIO APLICADO EM ALUNOS DE ENSINO MÉDIO QUE ESTUDAM EM FORTALEZA

Nome da escola onde você estuda:

Nome da biblioteca da escola onde você estuda:

A escola onde você estuda é:

- Pública
- Particular

Como está funcionando a biblioteca da escola onde você estuda atualmente?

- Em funcionamento virtual
- Em funcionamento presencial
- Em funcionamento misto (presencial e virtual)
- Não está funcionando
- Não possui biblioteca na escola
- Não sei

Com que frequência você utilizou a biblioteca de sua escola nos últimos 12 meses? (Empréstimo de materiais, participação em eventos, buscar informações, etc.)

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Não utilizei

Você considera importante o hábito de leitura? Justifique sua resposta:

A biblioteca de sua escola incentiva o hábito de leitura nos estudantes? Justifique sua resposta:

A biblioteca possui um bibliotecário formado em biblioteconomia?

- Sim
- Não
- Não sei

Caso a resposta anterior seja negativa, que profissional é responsável pela biblioteca?

Você considera importante que haja um bibliotecário formado em biblioteconomia atuando na biblioteca escolar? Justifique sua resposta:

Você utiliza alguma biblioteca fora do ambiente escolar?

- Sim
- Não

Se sim, quais categorias de biblioteca você utiliza?

- Públicas
 - Comunitárias
 - Especializadas
 - Universitárias
- Outro:

De que recursos dispõe a biblioteca de onde você estuda?

- Livros físicos
 - Livros digitais
 - Revistas físicas
 - Revistas digitais
 - Computadores
 - Palestras/aulas
 - Clube do livro
 - Lugares para leitura e estudo
 - Atendimento virtual
 - Empréstimo
- Outro:

Que recursos você gostaria que a biblioteca de onde você estuda disponibilizasse?

Você enxerga a biblioteca como uma participante ativa nas atividades e eventos realizados pela escola? Justifique sua resposta:

Em uma escala de 0 a 5, como você avalia a contribuição da biblioteca escolar para sua aprendizagem?

- 0
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Caso a resposta anterior tenha sido acima de 3, como a biblioteca escolar contribui com sua aprendizagem?

Como você enxerga os trabalhos escolares que envolvem a realização de pesquisa?

Que recursos você utiliza para realizar pesquisas escolares?

- Livros da biblioteca
 - Livros que pertencem a você ou a conhecidos
 - Livros digitais
 - Artigos encontrados em sites - Internet
 - Artigos científicos encontrados em portais como google acadêmico, scielo, etc - Internet
- Outro:

Já utilizou os recursos da biblioteca escolar para realizar pesquisas e atividades solicitadas pelos professores?

- Sim
- Não

Já buscou ajuda do bibliotecário ou de outro funcionário da biblioteca para realizar pesquisas e atividades solicitadas pelos professores?

- Sim
- Não

A biblioteca já realizou palestras/aulas sobre como realizar pesquisas?

- Sim
- Não

A biblioteca já realizou palestras/aulas sobre como estruturar trabalhos escolares?

- Sim
- Não

Em uma escala de 0 a 5, quanto os professores o incentivam a utilizar os recursos da biblioteca ao solicitar atividades ou pesquisas?

- 0
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

O que você julga ser importante em uma biblioteca escolar?